

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

JOÃO PAULO RAMOS FERREIRA

DIVERSIDADE DAS TRIBOS ERAGROSTIDEAE Stapf E
ZOYSIEAE Benth (POACEAE - CHLORIDOIDEAE) NA ILHA DE
SANTA CATARINA, BRASIL

FLORIANÓPOLIS

JUNHO DE 2012

JOÃO PAULO RAMOS FERREIRA

**DIVERSIDADE DAS TRIBOS ERAGROSTIDEAE Stapf E
ZOYSEAE Benth (POACEAE - CHLORIDOIDEAE) NA ILHA DE
SANTA CATARINA, BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina BIO7013 como requisito para
obtenção do grau de Bacharelado em Ciências
Biológicas pela Universidade Federal de Santa
Catarina.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Zanin

FLORIANÓPOLIS

JUNHO DE 2012

RESUMO

As tribos Eragrostideae Stapf e Zoysieae Benth (Poaceae – Chloridoideae) possuem cerca de nove e sete gêneros, respectivamente, com representantes de distribuição ampla em áreas abertas de regiões tropicais e subtropicais do globo, ocupando campos e locais antropizados. O presente estudo consiste em um levantamento das espécies pertencentes às duas tribos ocorrentes na Ilha de Santa Catarina, Brasil. Foram realizadas coletas intensivas, bem como a revisão de coleções dos herbários FLOR, HBR, ICN, MBM e SP. Para a tribo Eragrostideae foi confirmada a ocorrência do gênero *Eragrostis* Wolf. com 15 espécies, sendo sete exóticas subespontâneas e oito nativas. Para a tribo Zoysieae foram constatados dois gêneros com representantes nativos, *Spartina* Schreb., com três espécies e *Sporobolus* (L.) R. Br. com duas espécies, além de *Zoysia tenuifolia* Thiele e *Zoysia japonica* Steud., espécies cultivadas e não tratadas no trabalho. Entre as espécies de *Eragrostis*, seis constituem-se em citações novas para o Estado de Santa Catarina e conseqüentemente para a Ilha de Santa Catarina: *Eragrostis macrothyrsa* Hack., *E. minor* Host., *E. paniciformis* (A. Br.) Steud., *E. neesii* Trin. (representada por *E. neesii* var. *lindmanii* (Hack.) Ekman), *E. tenella* (L.) P. Beauv. ex Roem. & Schult. e *E. tenuifolia* (A. Rich.) Hochst. ex Steud., sendo que para as três primeiras trata-se do segundo registro para o Brasil. *E. lugens* Nees e *E. plana* Nees, tem seu primeiro registro para a Ilha de Santa Catarina. O trabalho inclui chave de identificação, ilustrações e descrições, além

de informações sobre a distribuição geográfica, período de florescimento e comentários gerais sobre os táxons confirmados.

ABSTRACT

The tribes Eragrostideae Stapf and Zoysieae Benth (Poaceae – Chloridoideae) contain about nine and seven genera, respectively, and representants with high distribution in open areas of tropical and subtropical regions around the world, occupying meadows and antropized locals. The achievement of this study is to make a survey of the species belonging to these two tribes that occurs in Santa Catarina Island, Brazil. Intensive collect fields were made around the study area, as well as FLOR, HBR, ICN and SP herbaria collection revision. It was confirmed the *Eragrostis* Wolf. genus with 15 species in the Eragrostideae tribe, consisting in eight native and seven subespontaneous exotic species. It was found, for the Zoysieae tribe, 2 genera with native representants, *Spartina* Schreber, with 3 species and *Sporobolus* (L.) Br., with 2 species and also *Zoysia tenuifolia* Thiele and *Zoysia japonica* Steud., cultivated species untreated in the study. Between the *Eragrostis* species, six are cited for the first time in Santa Catarina State, and consequently to the Island: *E. macrothyrsa* Hack., *E. minor* Host., *E. paniciformis* (A. Br.) Steud., *E. neesii* Trin (which is represented by *E. neesii* var. *lindmanii* (Hack.) Ekman.), *E. tenella* (L.) P. Beauv. ex Roem. & Schult and *E. tenuifolia* (A. Rich.) Hochst. ex Steud., and for the first three it is the second record for Brazil. *E. lugens* Nees and *E. plana* Nees has its first record for the Santa Catarina Island. The work includes identification key, illustrations, descriptions, as well

as data on geographic distribution, habitat, flowering periods and general comments for the confirmed taxa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
MATERIAIS E MÉTODOS.....	6
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	8
1. Eragrostis Wolf.....	9
1.1 Eragrostis airoides Nees.....	14
1.2 Eragrostis bahiensis Schrad. ex Schult.....	18
1.3 Eragrostis cataclasta Nicora.....	21
1.4 Eragrostis ciliaris (L.) R. Br.....	24
1.5 Eragrostis lugens Nees.....	27
1.6 Eragrostis macrothyrsa Hack.....	29
1.7 Eragrostis minor Host.....	33
1.8 Eragrostis neesii Trin. var. lindmanii (Hack.) Ekman..	36
1.9 Eragrostis paniciformis (A. Br.) Steud.....	38
1.10 Eragrostis pilosa (L.) P. Beauv.....	41
1.11 Eragrostis plana Nees.....	44

1.12	<i>Eragrostis polytricha</i> Nees.....	48
1.13	<i>Eragrostis tenella</i> (L.) P. Beauv. ex Roem. & Schult...51	
1.14	<i>Eragrostis tenuifolia</i> (A. Rich.) Hochst ex Steud.....54	
1.15	<i>Eragrostis trichocolea</i> Hack & Arechav.....57	
2.	<i>Spartina</i> Schreb.....	60
2.1	<i>Spartina alterniflora</i> Loisel.....	62
2.2	<i>Spartina ciliata</i> Brongn.....	64
2.3	<i>Spartina densiflora</i> Brongn.....	67
3.	<i>Sporobolus</i> R. Br.....	68
3.1	<i>Sporobolus indicus</i> (L.) R. Br.....	70
3.2	<i>Sporobolus virginicus</i> (L.) Kunth.....	73
CONCLUSÕES.....		76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....		91

LISTA DE FIGURAS

Figura. 1.....79

Figura. 2.....80

Figura. 3.....81

Figura. 4.....82

Figura. 5.....83

Figura. 6.....84

Figura. 7.....85

Figura. 8.....86

Figura. 9.....87

Figura. 10.....88

Figura. 11.....89

Figura. 12.....90

INTRODUÇÃO

A família Poaceae inclui aproximadamente 793 gêneros e 10.000 espécies (Watson & Dallwitz 1992) de distribuição cosmopolita e grande amplitude ecológica.

Predominam em ambientes abertos, sendo dominante nas extensas comunidades vegetais campestres ao redor do mundo. Em menor frequência, há algumas espécies de hábitat florestal, pertencentes especialmente a gramíneas basais (subfamílias Anomochlooideae, Pharoideae e Puelioideae), subfamília Bambusoideae e tribo Paniceae (Panicoideae).

O sucesso das Poaceae está baseado na variabilidade e versatilidade de suas formas biológicas adaptadas às pressões impostas pelo ambiente. Estas pressões estão especialmente associadas ao regime hídrico e às ações antrópicas, como o uso constante do fogo e a presença de herbívoros, tornando os ambientes altamente competitivos (Boldrini *et al.* 2008).

A importância ecológica e econômica desta família é muito reconhecida devido à sua dominância em vários ecossistemas vegetais, pela utilização na alimentação dos animais em pastagens naturais e cultivadas e pelo uso dos cereais no regime alimentar do homem, responsáveis por mais de 50% das calorias consumidas pela humanidade (Judd *et al.* 1999).

Para o Brasil, Burman (1985) mencionou 197 gêneros e 1368 espécies para Poaceae, número bem próximo ao referido recentemente por Filgueiras *et al.* (2012) na Lista de Espécies da Flora do Brasil, 204 gêneros e 1401 espécies, sendo 20 gêneros e 458 espécies endêmicos do país. Para o sul do Brasil, com base nas principais publicações disponíveis envolvendo a família, Longhi-Wagner (2003) citou a ocorrência de 127 gêneros, dos quais 95 com espécies nativas ou nativas e exóticas e 32 apenas com espécies exóticas.

Em Santa Catarina, a família foi tratada na Flora Ilustrada Catarinense (FIC), com a publicação em três volumes (Smith *et al.* 1981,1982), no entanto, várias citações novas de ocorrência no Estado aconteceram após esta data e atualizações nomenclaturais e taxonômicas fazem-se necessárias.

A família Poaceae pertence à ordem Poales, juntamente com Cyperaceae, Juncaceae, Eriocaulaceae e Bromeliaceae, entre outras (APG III 2009). Está dividida em subfamílias, sendo a proposta mais aceita na última década a do *Grass Phylogeny Working Group* (GPWG 2001) que reconheceu 12 subfamílias: Anomochlooideae, Pharoideae, Puleioideae, Bambusoideae, Ehrhartoideae, Pooideae, Aristidoideae, Arundinoideae, Danthonioideae, Centothecoideae, Panicoideae e Chloridoideae, estabelecidas com base na análise combinada de dados moleculares e diferentes grupos de caracteres exomorfológicos e endomorfológicos. Posteriormente, foi reconhecida mais uma

subfamília, Micrairoideae, elevando o número para 13 (Sanchez Ken *et al.* 2007). No entanto, o número de subfamílias aceitas atualmente para Poaceae é 12, mantendo-se Micrairoideae, porém incluindo Centothecoideae, inicialmente reconhecida por GPWG (2001), em Panicoideae, com base em estudos mais recentes utilizando dados de novas sequências moleculares (Sanchez-ken & Clark 2007).

A subfamília Chloridoideae apresenta cerca de 1400 espécies (GPWG 2001), sendo que para o Brasil Burman (1985) estimou aproximadamente 158, porém, incluindo espécies de *Aristida* L., gênero com 38 espécies no Brasil (Longhi-Wagner 1999) e atualmente incluído em Aristidoideae. Suas espécies são geralmente campestres, ocupando muitas vezes ambientes bastante áridos, raramente ocorrendo em beira de mata, mas não no seu interior (Longhi-Wagner 2012c).

Clayton & Renvoize (1986) e GPWG (2001) reconheceram cinco tribos para Chloridoideae: Pappophoreae Kunth, Ortcuttieae Reeder, Leptureae Dumort., Eragrostideae Stapf e Cynodonteae Dumort., sendo as duas últimas bem representadas no Brasil.

Estudos mais recentes, no entanto, incluindo análises moleculares, propuseram para Chloridoideae as tribos Eragrostideae Stapf, Cynodonteae Dumort. e Zoysieae Benth. (Columbus *et al.* 2007) ou ainda, além destas, uma quarta tribo, Triraphideae P. M. Peterson (Peterson *et al.* 2010), sendo que a circunscrição para as tribos tradicionalmente aceitas por outros autores sofreram modificações.

As tribos Eragrostideae e Zoysieae *sensu stricto* (Columbus *et al.* 2007; Peterson 2010), apresentam zona de articulação das espiguetas acima das glumas (exceto o gênero *Spartina* Schreb.) e incluem plantas herbáceas, de ciclo estival, megatérmicas (Burkart 1975), com anatomia kranz e rota fotossintética C4 (com raras exceções) e estão presentes em regiões tropicais e subtropicais do globo.

A tribo Eragrostideae possui cerca de 17 gêneros distribuídos em diferentes subtribos (Peterson *et al.* 2010) com espécies geralmente perenes, de hábito cespitoso, com lígula ciliada ou membranoso-ciliada, espiguetas pluriflora, lema com (1-)3-13 nervuras, sendo muitas espécies adaptadas ambientes xéricos (Peterson & Vega 2007), assim como abertos ruderais e alterados. Escobar *et al.* (2011) mencionaram a difícil delimitação entre os gêneros, bem como em nível de tribo, utilizando somente caracteres morfológicos, pois estes freqüentemente se sobrepõem.

A tribo Zoysieae, possui cerca de oito gêneros (Peterson *et al.* 2010) e caracteriza-se por apresentar espiguetas unifloras, inflorescências espiciformes com vários racemos dispostos ao longo do eixo central, espiguetas dispostas abaxialmente ao longo do eixo da ráquis, lemas múticos, raramente aristados, da mesma textura que as glumas, páleas tão longas quanto os lemas e cariopse modificada, com pericarpo freqüentemente livre em *Spartina* e em *Sporobolus* R. Br.

O presente trabalho teve como objetivo realizar o levantamento das espécies das tribos Eragrostideae e Zoysieae na Ilha de Santa Catarina e fornecer meios para a sua identificação. Apresenta chave de identificação, descrições, ilustrações, dados ecológicos, fenológicos e de distribuição geográfica para cada espécie. Comentários taxonômicos também são incluídos quando pertinentes.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foi realizada, inicialmente, uma revisão bibliográfica para verificar quais espécies das tribos estudadas já haviam sido citadas para a Ilha de Santa Catarina.

Foram feitas saídas para coleta entre setembro de 2009 e outubro de 2011, abrangendo diferentes áreas abertas e trilhas em interior de mata na Ilha de Santa Catarina. O método de coleta foi aleatório, e as exsicatas, após processadas, incorporadas ao acervo do Herbário do Departamento de Botânica da Universidade Federal de Santa Catarina (FLOR). Outras exsicatas, provenientes dos Herbários HBR, ICN e SP foram estudadas para complementação de amostragem e/ou confirmação de identificação.

Para a descrição dos táxons foram elaboradas listas de descritores morfológicos abrangendo caracteres vegetativos e reprodutivos a serem estudados e mensurados. As descrições dos gêneros e espécies foram baseadas no material da Ilha de Santa Catarina, sendo as descrições de espécies padronizadas para cada gênero.

A terminologia, especialmente para indumento e forma, seguiu Radford *et al.* (1974), Hickey & King (2000) e Beentje (2010) e a citação dos autores das espécies segue Brummitt & Powell (1992).

Os dados de distribuição geográfica e de floração e frutificação foram baseados em informações de fichas de exsicatas, coletas e dados da literatura.

As ilustrações foram feitas em grafite e cobertas a nanquim pelo ilustrador Leandro Lopes, sendo as estruturas das espiguetas com ajuda de câmara clara acoplada a estereomicroscópio. As fotografias foram feitas durante as saídas de campo ou posteriormente no Laboratório de Plantas Vasculares da UFSC, pelo autor e/ou Ana Zanin.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi confirmada a ocorrência do gênero *Eragrostis* Wolf. para a tribo Eragrostideae, com 15 espécies. Para a tribo Zoysieae foram confirmados os gêneros *Spartina* Schereb. e *Sporobolus* (L.) R. Br., com três e duas espécies nativas respectivamente, além das espécies cultivadas para forração de gramados, *Zoysia tenuifolia* Thiele e *Zoysia japonica* Steud., não tratadas no trabalho.

Chave para os gêneros de Eragrostideae e Zoysieae ocorrentes na Ilha de Santa Catarina, Santa Catarina Brasil

1. Articulação das espiguetas localizada abaixo das glumas.....2. *Spartina*
1. Articulação das espiguetas localizada acima das glumas.
 2. Espiguetas 2-plurifloras, raro exclusivamente com um único antécio na mesma planta, lemas frequentemente escabrosos sobre as nervuras e páleas escabrosas a cilioladas sobre as quilhas.....1. *Eragrostis*
 2. Espiguetas unifloras, lemas e páleas lisas sobre as nervuras e quilhas respectivamente.....3. *Sporobolus*

1. *Eragrostis* Wolf., Gen. Pl. 23. 1776.

Plantas anuais ou perenes, cespitosas, às vezes rizomatosas ou estoloníferas, com ou sem glândulas nas nervuras das bainhas e lâminas foliares, ramos das inflorescências, pedicelos e nervuras de glumas e lemas. **Prefoliação** convoluta. **Bainhas** foliares mais longas ou mais curtas que os entrenós, glabras a variadamente pilosas. **Lâminas** foliares planas, convolutas ou involutas, glabras ou pilosas, lanceoladas ou lineares, freqüentemente com tufo de tricomas na região ligular; lígula ciliada ou membranoso-ciliada, raro membranosa. **Inflorescência** em panícula típica, laxa, aberta, subaberta, contraída ou espiciforme, com ramos primários alternos, opostos ou verticilados. **Espiguetas** comprimidas lateralmente, basítonas, (1-2)-pluriforas; ráquila articulada acima das glumas, aparente ou não, frágil ou tenaz; glumas persistentes ou caducas, (0-)1(-3)nervadas, menores que os antécios, a inferior pouco menor que a superior; lemas (1-)3-nervados, agudos, subobtusos ou acuminados, lisos, escabros, raramente com tricomas submarginais; páleas oblanceoladas, escabras ou raro ciliadas sobre as quilhas, com cílios evidentes a olho nu ou não. **Estames** 2-3, anteras castanhas ou violáceas. **Cariopse** de formas variadas, isodiamétrica ou dorsal ou ventralmente comprimida, com ou sem sulco longitudinal ventral, castanha ou raramente negra na maturidade, superfície lisa ou variadamente ornamentada, com zona do embrião maior ou menor que a metade do comprimento do fruto e hilo puntiforme.

Gênero com cerca de 350 espécies de regiões tropicais e subtropicais do mundo (Clayton & Renvoize 1986). No Brasil está representado por 51 espécies, uma variedade e uma subespécie, sendo seis espécies endêmicas (Boechat & Longhi-Wagner 2001; Longhi-Wagner 2012a).

Na Ilha de Santa Catarina o gênero está representado por 15 espécies, oito nativas, sendo *Eragrostis neesii* Trin. representado por *E. neesii* Trin. var. *lindmanii* (Hack.) Ekman.

Chave para as espécies de *Eragrostis* da Ilha de Santa Catarina, Santa Catarina, Brasil

1. Espiguetas largamente ovadas, 3-4,5 mm larg.; páleas 0,9-1 mm larg., com bordos caracteristicamente alados inferiormente na face ventral, de ápice agudo ou eroso.....1.9 *E. paniciformis*
1. Espiguetas lineares a ovadas, 0,5-3 mm larg.; páleas 0,2-0,7 mm larg., sem bordos alados.
 2. Páleas com tricomas tuberculados sobre as quilhas.
 3. Panícula espiciforme; estames 2.....1.4 *E. ciliaris*
 3. Panícula aberta; estames 3.....1.13 *E. tenella*

2. Páleas lisas, cilioladas ou escabras sobre as quilhas.

4. Plantas glandulosas, às vezes eglandulosas (*E. tenuifolia*, neste caso cariopse comprimida lateralmente, diferenciando-se das espécies não glandulosas); glândulas podendo estar presentes na nervura central das bainhas, nos pedicelos e nervuras de glumas e lemas.

5. Gluma inferior 1-1,4 mm compr., uninervada, glandulosa sobre a nervura.....1.7 *E. minor*

5. Gluma inferior 0,15-0,8 mm compr., enérvea, eglandulosa.

6. Lemas com 2-4 pontuações glandulares sobre as nervuras; axilas dos pedicelos glabras; espiguetas verde-escuras brilhantes.....1.11 *E. plana*

6. Lemas sem pontuações glandulares nas nervuras; axilas dos pedicelos pilosas; espiguetas verde-escuras a plúmbeas, não brilhantes.....1.14 *E. tenuifolia*

4. Plantas eglandulosas.

7. Espiguetas 1-2(-3)-floras, de 1-2 mm de compr.....1.1 *E. airoides*

7. Espiguetas (-2)3-31-floras, de (2)2,2-22 mm de compr.

8. Estames 2.

9. Plantas 15-25 cm alt.; bainhas e lâminas foliares densamente pilosas.....
.....1.8 *E. neesii* var. *lindmanii*

9. Plantas de 28-110 cm alt.; bainhas glabras; lâminas foliares glabras, apenas com tricomas na porção basal da face adaxial e nas margens, especialmente junto à região ligular.

10. Ráquila frágil desarticulando entre os antécios do ápice para a base; glumas e lemas caducos; páleas caducas, exceto a mais basal geralmente persistente; panícula contraída a espiciforme; espiguetas verde-claras a plúmbeo-claras.....1.3 *E. cataclasta*

10. Ráquila tenaz, com lemas caducos da base para o ápice; glumas caducas; páleas persistentes; panícula laxa, aberta a subaberta; espiguetas verde-escuras a plúmbeo-escuras.....1.2 *E. bahiensis*

8. Estames 3.

11. Plantas de (-110)140-180 cm alt.; panícula 32-45 cm compr.; espiguetas verde-escuras.....1.6 *E. macrothyrsa*

11. Plantas 25-72 cm alt.; panícula 7-32 cm compr.; espiguetas verdes-claras, palhetes, plúmbeas claras a arroxeadas, castanhas ou verde-oliváceas.

12. Gluma inferior 0,3-0,4 compr.; lemas e páleas caducos da base para o ápice, sobrando somente a ráquila nua flexuosa; ápice dos lemas caracteristicamente violáceos.....
.....1.10 *E. pilosa*

12. Gluma inferior 0,8-1,5 compr.; lemas caducos do ápice para base ou da base para o ápice, páleas caducas ou persistentes, não sobrando a ráquila ou se ráquila persistente esta não completamente nua e não flexuosa; ápice dos lemas sem coloração violácea.

13. Folhas dispostas ao longo do colmo nitidamente dísticas; lâminas foliares rijas, ascendentes; lemas 2-2,5 mm compr.....1.15 *E. trichocolea*

13. Folhas dispostas ao longo do colmo ou concentradas na base da planta, não nitidamente dísticas; lâminas foliares rijas ou flexuosas; lemas 1,2-1,8 mm de compr.

14. Folhas concentradas na base da planta; lâminas foliares 0,15-0,5 mm larg., geralmente planas, rijas, sempre eretas; freqüentemente com bainhas esparsa a densamente pilosas, mais longas que os entrenós.....1.12 *E. polytricha*

14. Folhas distribuídas ao longo do colmo; lâminas foliares 0,1-0,2 mm larg., involutas, flexuosas, não eretas; com bainhas glabras, mais longas ou mais curtas que os entrenós.....1.5 *E. lugens*

1.1 *Eragrostis airoides* Nees, Agrost. Bras. in Mart., Fl. Bras. Enum. Pl. 2(1):509. 1829.

Fig. 1 a-b; 6 a-b

Plantas perenes, cespitosas, 50-95 cm; colmos eretos, 1-5 nós. **Folhas** distribuídas ao longo do colmo, eglandulosas; **bainhas** foliares mais longas que os entrenós, glabras a densamente pilosas, tricomas caducos; **lâminas** 4-56x0,1-0,6 cm, lanceoladas, convolutas, involutas ou planas, com tricomas longos, esparsos ou densos na face ventral da lâmina; **língua** 0,25-0,5 mm compr., ciliada. **Panícula** aberta, ampla, delicada, muito ramificada, 14-60x9-35 cm, ramos subverticilados na maior parte, alguns alternos ou opostos, desprovidos de espiguetas na base entre 1/8 a 1/4 do seu comprimento; axilas glabras, com protuberâncias pulviniformes evidentes; pedicelos eglandulosos, pulviniformes, axilas glabras. **Espiguetas** 1-2x0,5-1,2 mm, rosadas quando jovens a plúmbeas posteriormente, ovadas, 1-2(-3) floras; ráquila não aparente, frágil, desarticulando entre os antécios irregularmente; **glumas** caducas, lanceoladas, a inferior 0,7-1,1x0,3-0,4 mm, a superior 1-1,4 x 0,4-0,6 mm, ambas 1-nervadas, inteiramente escabras ou somente nos 2/3 superiores da nervura; **lemas** 0,8-1,1x0,5-0,7 mm, caducos, ovados, 1-nervados, escabros no ápice da nervura central; **páleas** 0,7-1,0x0,25-0,4 mm, caducas, oblanceoladas, escabras no 1/3 ou 2/3 superiores das quilhas. **Estames** 3, anteras violáceas, 0,15-0,3 mm compr. **Cariopse** 0,4-0,6 mm compr., zona do embrião igual ou mais longa que a metade do comprimento do fruto, castanha, arredondada no ápice e na base, superfície reticulada.

Nomes populares: capim-pendão-roxo (Smith *et al.* 1981), pasto-ilusão (Nicora & Rúgolo de Agrasar 1987).

Hábitat: Campos úmidos e secos, em áreas próximas a pastagens e beira de estradas.

Distribuição geográfica: Estados Unidos, Cuba e América do Sul: Bolívia, Venezuela, Colômbia, Uruguai, Argentina, Paraguai e Brasil (Boechat & Longhi-Wagner 2000; 2001). No Brasil ocorre no Rio de Janeiro, São Paulo e toda Região Sul (Longhi-Wagner 2012a). Na Ilha de Santa Catarina foi encontrada desde o norte, no Bairro de Jurerê até o sul, Bairro da Armação.

Período em que foi coletada com flor e/ou fruto: agosto e de dezembro a fevereiro.

Material examinado: BRASIL. SANTA CATARINA. Florianópolis: Armação, 4/II/1992, *M. H. de Queiroz s.n.* (FLOR 40485); Ingleses, 19/I/2011, *J. P. R. Ferreira & A. Zanin 168* (FLOR); Jurerê 17/I/1966, *R. M. Klein & A. Bresolin 6543* (FLOR, HBR); 4/VIII/1987, *M. Leonor Souza & M. Fronza 1034* (FLOR); Morro da Lagoa da Conceição, 15/I/2011, *J. P. R. Ferreira 154* (FLOR); Rio Vermelho, 28/XII/1984, *M. Leonor Souza & F. A. Silva F. 527* (FLOR).

Material adicional examinado: BRASIL. RIO GRANDE DO SUL. Pelotas: I.A.S., 10/III/1954, *J. C. Sacco 96* (FLOR). SANTA CATARINA. Campo Alegre: entre Postema e Morro Iquererim, 31/I/1957, *L. B. Smith & R. M. Klein 10516* (HBR). Correia Pinto, 23/I/1997, *H. M. Longhi-Wagner 3683* (ICN). Lages: estrada de

rodagem federal, 1 km ao sul de Lages, 12/II/1957, *L. B. Smith & R. M. Klein 11276* (HBR); 58 km de Lages, 12/II/1975, *L. B. Smith & R. M. Klein 16108* (HBR). Palhoça: Morro do Cambirela, *R. M. Klein & A. Bresolin 10112* (FLOR). Ponte Alta do Sul: 5 km ao sul de Ponte Alta do Sul, 11/II/1975, *L. B. Smith & R. M. Klein 16080* (HBR). SÃO PAULO: Itararé: 25/I/1996, *H. M. Longhi Wagner & S. C. Boechat 3200* (ICN).

Eragrostis airoides Nees caracteriza-se por apresentar inflorescência ampla, aberta, delicada e ramificada, com espiguetas reduzidas, sendo facilmente distinguida no campo pela coloração rosada de suas inflorescências quando jovens, destacando-se entre a vegetação. Segundo Boechat & Longhi-Wagner (2001) essa espécie assemelha-se a *Sporobolus tenuissimus* (Mart. ex Schrank) Kuntze no aspecto da panícula, principalmente quando indivíduos de *E. airoides* apresentam exclusivamente espiguetas unifloras. Nesse caso, as autoras apontam como diferença, bainha densamente pilosa nas margens para *E. airoides* e bainhas glabras para *S. tenuissimus*.

No material da Ilha de Santa Catarina foi observado apenas um indivíduo com espiguetas exclusivamente unifloras e apresentando bainhas densamente pilosas (*M. Leonor Souza & M. Fronza 1034*). Os demais registros apresentaram espiguetas uni a trifloras ocorrendo simultaneamente na mesma inflorescência e bainhas pilosas ou glabras,

sendo esta variação de pilosidade nas bainhas citada também para a espécie por Burkart (1969).

1.2 *Eragrostis bahiensis* Schrad. ex Schult., Mant. 2:318. 1824.

Fig. 1 c-f; 6 c

Plantas perenes, cespitosas, 55-110 cm; colmos eretos, 2-5 nós. **Folhas** concentradas na base da planta, eglandulosas; **bainhas** foliares mais longas ou mais curtas que os entrenós, glabras; **lâminas** 7-29x0,2-0,4 cm, lineares, convolutas ou involutas, glabras, apenas com tricomas na porção basal da face adaxial e nas margens, especialmente junto à região ligular, estes geralmente caducos; **lígula** 0,1-0,2 mm compr., ciliada. **Panícula** geralmente laxa, aberta a subaberta, 19,5-40x12-27 cm, ramos alternos, nutantes, desprovidos de espiguetas na base entre 1/8 a 1/2 do seu comprimento; axilas glabras, raramente pilosas no primeiro ramo, com protuberâncias pulviniformes evidentes; pedicelos eglandulosos, pulviniformes, axilas glabras. **Espiguetas** 3-19x1-2 mm, verde-escuras a plúmbeo-escuras, lanceoladas, (4-)5-26 floras; ráquila não aparente, tenaz, lemas caducos da base para o ápice, páleas persistentes; **glumas** caducas, lanceoladas, a inferior 1-1,7x0,6 mm, a superior 1,2-1,9x0,6-0,8 mm, ambas 1-nervadas, escabras na nervura central; **lemas** 1,7-2,1x1-1,2 mm, caducos, lanceolados, 3-nervados,

escabros no 1/3 superior da nervura central; **páleas** 1,2-1,8x0,5-0,6mm, persistentes, oblanceoladas, ciliolada sobre as quilhas. **Estames** 2, anteras castanhas, 0,3-0,5 mm compr. **Cariopse** 0,5-0,8 mm compr., zona do embrião mais curta que a metade do comprimento do fruto, castanha, arredondada no ápice e na base, superfície reticulada.

Nome popular: capim-açu (Smith *et al.* 1981).

Hábitat: comum em baixadas úmidas de remanescentes campestres da Ilha com solos arenosos, encontrada também em áreas alteradas de beira de estradas e aterro recente.

Distribuição geográfica: Austrália e Ilhas do Nordeste do Pacífico (Clayton *et al.* 2006), América do Norte, América Central e América do Sul: Argentina, Bolívia, Brasil, Guiana Francesa, Paraguai, Peru, Uruguai (Boechat & Longhi-Wagner 2000, 2001; Peterson *et al.* 2001). No Brasil ocorre em todas as regiões do país (Longhi-Wagner 2012a). Na Ilha de Santa Catarina foi encontrada desde o norte em Ingleses, até o sul, no Sertão do Peri.

Período em que foi coletada com flor e/ou fruto: de junho a abril.

Material examinado: BRASIL. SANTA CATARINA. Florianópolis: Campeche, 14/IX/2009, J. P. R. Ferreira 16 (FLOR); Costeira, 25/IX/2011, A. Zanin 1640 (FLOR); 28/IX/2011, J. P. R. Ferreira 191; Daniela, 19/VIII/2010, J. P. R. Ferreira 120, 121 (FLOR); Fazenda da

Ressacada, XI/2009, *J. P. R. Ferreira* 26 (FLOR); Ingleses 19/I/2011, *J. P. R. Ferreira & A. Zanin* 169 (FLOR); Morro do Ribeirão, 20/XII/1966, *R. M. Klein* 6936 (FLOR), 6937 (HBR); 26/VI/ 1968, *R. M. Klein* 7746 (FLOR, HBR); Ratones, 25/XI/2009, *J. P. R. Ferreira* 29, 30 (FLOR); Rio Vermelho, 27/II/1985, *F. A. Silva F., M. Leonor Souza & D. B. Falkenberg* 304 (FLOR); 20/XI/2010, *J. P. R. Ferreira* 140 (FLOR); Sertão do Peri, 10/XII/2010, *J. P. R. Ferreira* 144 (FLOR).

Material adicional examinado: BRASIL. RIO GRANDE DO SUL. Bagé: 11/XI/1994, *S. C. Boechat* 150, 153 (ICN). SANTA CATARINA. Anitápolis: 4/IV/1953, *R. M. Klein* 430 (HBR); Itajaí: 6/VII/1971, *J. F. M. Valls* 1540 (ICN).

Eragrostis bahiensis Schrad. ex Schult. apresenta panícula, freqüentemente laxa, aberta, com ramos nutantes e desprovidos de espiguetas na base em até metade do seu comprimento. Boechat & Longhi-Wagner (2001) referiram que, menos comumente, *E. bahiensis* apresenta panícula subaberta, densiflora e com ramos eretos, curtos e floríferos desde a base. Plantas com estas características podem ser confundidas com *E. cataclasta* Nicora, porém nesta última, a cor da espiguetas é plúmbeo-clara e a ráquila frágil desarticulando-se entre os antécios do ápice em direção a base, enquanto em *E. bahiensis* a cor da espiguetas é plúmbeo-escura e a ráquila tenaz, com lemas desarticulando-se da base em direção ao ápice. No material examinado

de *E. bahiensis* referente a Ilha de Santa Catarina foram constatados somente indivíduos com panícula laxa e com ramos nutantes.

Eragrostis bahiensis lembra superficialmente indivíduos de menor porte de *E. macrothyrsa* Hack. na estrutura vegetativa e aspecto da panícula laxa. Esta última espécie, no entanto, apresenta bainhas pilosas especialmente nas margens de folhas jovens, panícula com ramos verticilados, opostos e alternos na mesma inflorescência, e antécios com 3 estames, enquanto *E. bahiensis* apresenta bainhas glabras, panícula somente com ramos alternos, e antécios com 2 estames.

1.3 *Eragrostis cataclasta* Nicora in Burkart, Fl. Ilustr. Entre Rios 2:189. 1969.

Fig. 1 g-i; 6 d-e

Plantas perenes, rizomatosas, 28–65(-86) cm; colmos geralmente decumbentes e radicantes nos nós basais, 3-8 nós. **Folhas** distribuídas ao longo do colmo, eglandulosas; **bainhas** foliares freqüentemente mais curtas que os entrenós, glabras; **lâminas** (3-)6-17x0,2-0,5 cm, lanceoladas, involutas, glabras, apenas com tricomas na porção basal da face adaxial e nas margens, especialmente junto à região ligular, estes geralmente caducos; **lígula** 0,2-0,3 mm compr.,

ciliada. **Panícula** contraída a espiciforme, (3-)6-16x0,7-4 cm, ramos alternos, providos de espiguetas até a base; axilas glabras, geralmente sem protuberâncias pulviniformes, raro presentes e evidentes; pedicelos eglandulosos, não pulviniformes, axilas glabras. **Espiguetas** 3-22x1,5-3 mm, verde-claras a plúmbeo-claras, linear-lanceoladas, 4-13(-31) floras; ráquila geralmente aparente, frágil, desarticulando-se entre os antécios do ápice para a base; **glumas** caducas, lanceoladas, a inferior 0,9-1,3x0,5-0,7 mm, a superior 1,2-1,9x0,7-0,9 mm, ambas 1-nervadas, escabras no 2/3 superiores da nervura; **lemas** 1,7-2,4x1-1,2 mm, caducos, ovados, 3-nervados, escabros no 1/3 superior da nervura central; **páleas** 1,6-1,8x0,5-0,6mm, geralmente a mais basal persistente, oblanceoladas, escabras sobre as quilhas. **Estames** 2, anteras violáceas, 0,3-0,4 mm compr. **Cariopse** 0,7-0,9 mm compr., zona do embrião mais curta que a metade do comprimento do fruto, castanha, arredondada no ápice e na base, superfície reticulada.

Hábitat: predominantemente em baixadas úmidas entre dunas, e áreas de restinga em geral com maior ou menor grau de perturbação, menos frequentemente em campos úmidos arenosos.

Distribuição geográfica: América do Sul: Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai (Boechat & Longhi-Wagner 2000; Peterson *et al.* 2001). No Brasil é registrada para o Distrito Federal, Pernambuco, Goiás, São Paulo, Rio de Janeiro e os três estados do sul (Boechat *et al.* 2001; Longhi-Wagner 2012a). Na Ilha de Santa Catarina foi encontrada desde

o norte, em Jurerê e Ingleses, Bairros da porção leste até o sul, no Pântano do Sul.

Período em que foi coletada com flor e/ou fruto: de novembro a fevereiro e de abril a julho.

Material examinado: BRASIL. SANTA CATARINA. Florianópolis: Ingleses 14/I/1984, *M. Leonor Souza & D. B. Falkenberg* 208 (FLOR); 23/I/2009, *A. Zanin & B. H. Santos* 1572 (FLOR); 16/IV/2010, *J. P. R. Ferreira* 73 (FLOR); Joaquina, 14/VII/2010, *J. P. R. Ferreira* 118 (FLOR); Jurerê, 11/I/2011, *J. P. R. Ferreira* 148 (FLOR); Pântano do Sul 14/V/2010, *J. P. R. Ferreira* 104 (FLOR); Rio Vermelho, 10/II/1976, *A. Bresolin* 1169 (HBR); 16/XI/1984, *F. A. Silva F., M. Leonor Souza & A. Zanin* 235 (FLOR); 20/XI/2010, *J. P. R. Ferreira* 142 (FLOR).

Material adicional examinado: BRASIL. RIO GRANDE DO SUL. Torres: 10/VII/1972, *L. R. Baptista & M. L. Lorscheiter* s.n.(ICN 27789); 6/I/1976, *Winge & Cordeiro* 771 (ICN). SANTA CATARINA. Palhoça: Pilões, 11/I/1957, *R. M. Klein* 2162 (HBR). SÃO PAULO. São José do Barreiro: Serra da Bocaina, 22/I/1996, *H. M. Longhi-Wagner & S. C. Boechat* 2931 (ICN).

Eragrostis cataclasta Nicora, destaca-se no campo por apresentar colmos em geral decumbentes, inflorescências em panícula espiciforme, com ramos floríferos contraídos sobre a ráquis cobrindo-a

completamente, ou às vezes, mais divergentes, expondo parcialmente a ráquis. No último caso, indivíduos de *E. cataclasta* podem se assemelhar com indivíduos de *E. bahiensis* que possuem a panícula mais contraída, com ramos eretos, segundo Boechat & Longhi-Wagner (2001), sendo suas principais diferenças expostas nos comentários da primeira espécie.

1.4 *Eragrostis ciliaris* (L.) R. Br. in Tuckey, Narr. Exp. Zaire, 478. 1818.

Fig. 1 j-m; 6 f-g

Plantas anuais, cespitosas, 25–65 cm; colmos eretos, 3-6 nós. **Folhas** distribuídas ao longo do colmo, eglandulosas; **bainhas** foliares geralmente mais curtas que os entrenós, pilosas nas margens; **lâminas** 4-12,5x0,1-0,4 cm, lanceoladas, involutas ou planas, glabras, com tricomas nas margens especialmente junto à região ligular, estes geralmente caducos; **lígula** 0,2-0,3 mm compr., ciliada. **Panícula** espiciforme, densiflora, contínua ou interrompida na parte inferior, 4-13,5x0,5-2,2 cm, ramos alternos, providos de espiguetas até a base; axilas glabras, sem protuberâncias pulviniformes; pedicelos eglandulosos, não pulviniformes, axilas glabras. **Espiguetas** 2-4x1-2 mm, violáceas ou verde-violáceas, elípticas, 4-12 floras; ráquila totalmente aparente, frágil, desarticulando-se entre os antécios do ápice

para a base; **glumas** persistentes, posteriormente caducas, lanceoladas, a inferior 0,6-1x0,3-0,4 mm, a superior 0,8-1,2x0,4-0,6 mm, ambas 1-nervadas, escabras na nervura; **lemas** 1-1,2x0,5-0,6 mm, caducos, oblongo-elípticos, 3-nervados, lisos; **páleas** 0,9-1,1x0,4-0,5mm, caducas, oblanceoladas, com tricomas tuberculados longos sobre as quilhas. **Estames** 2, anteras violáceas, 0,2-0,4 mm compr. **Cariopse** 0,4-0,5 mm compr., zona do embrião mais curta que a metade do comprimento do fruto, castanha, arredondada no ápice e na base, superfície lisa.

Nomes populares: capim-mimoso (Smith *et al.* 1981), capim-penacho, capim-de-rola, capim-pêlo-de-rato, capim-barbicha-de-alemão, capim-de-canário (Kissmann 1997).

Hábitat: comum em locais antropizados com solo arenoso, como beira de estrada e terrenos abandonados e em baixadas úmidas entre dunas e restinga em geral, menos frequentemente em campos úmidos.

Distribuição geográfica: Austrália, Ilhas do Oceano Índico e Pacífico (Clayton *et al.* 2006). Trópicos da África, Europa, Ásia, América do Norte, América Central e toda América do Sul excetuando o Chile (Boechat & Longhi-Wagner 2000, 2001; Peterson *et al.* 2001). No Brasil, ocorre em praticamente todo o país, exceto no Distrito Federal e Tocantins (Longhi-Wagner 2012a). Na Ilha de Santa Catarina foi encontrada em praticamente toda a Ilha.

Período em que foi coletada com flor e/ou fruto: agosto a maio.

Material examinado: BRASIL. SANTA CATARINA. Florianópolis: Açores, 14/V/2010, *J. P. R. Ferreira* 100 (FLOR); Cacupé, I/2010, *T. Aguiar s.n.*(FLOR 37562); Campeche, XI/2009, *J. P. R. Ferreira* 24 (FLOR); Daniela, 30/X/1987, *M. Leonor Souza et al.* 993 (FLOR); 23/III/2010 *J. P. R. Ferreira* 58 (FLOR); Ilha do Campeche, 16/X/1982, *F. A. Silva F.* 40 (FLOR); Ingleses, 23/I/2009, *A. Zanin & B. H. Santos* 1565 (FLOR); 19/I/2011 *J. P. R. Ferreira & A. Zanin* 155 (FLOR); Joaquina, 30/IV/2010, *J. P. R. Ferreira* 85 (FLOR); Jurerê, 11/IX/1964 *R. M. Klein et al.* 5768 (FLOR, HBR); IX/1993, *S. C. Boechat s.n.* (ICN 101766); 15/III/2010, *J. P. R. Ferreira* 51 (FLOR); 23/III/2010, *J. P. R. Ferreira* 58 (FLOR); 11/I/2011, *J. P. R. Ferreira* 150 (FLOR); Pântano do Sul 5/VIII/2011, *J. P. R. Ferreira* 182 (FLOR); Praia Mole, 25/VIII/2010, *J. P. R. Ferreira* 127 (FLOR); Rio Tavares, 14/IX/2009, *J. P. R. Ferreira* 11 (FLOR); Rio Vermelho, 5/X/1984, *M. Leonor Souza et al.* 265 (FLOR); 20/XI/2010, *J. P. R. Ferreira* 141 (FLOR).

Material adicional examinado: BRASIL. RIO GRANDE DO SUL. Imbé: 24/V/1995, *H. M. Longhi-Wagner* 2784 (ICN). SANTA CATARINA. Sombrio: Guarita, 9/I/1976, *R. M. Klein & A. Bresolin* 11469 (FLOR).

Eragrostis ciliaris (L.) R. Br. é reconhecida por apresentar caracteristicamente tricomas tuberculados longos sobre as quilhas das

páleas. Este caráter é encontrado também em *E. tenella* (L.) P.Beauv. ex Roelm. & Schult., porém, *E. ciliaris* possui panícula espiciforme, pedicelos eglandulosos e dois estames e a última apresenta panícula aberta, pedicelos com escavações glandulares e 3 estames. Além disso, as espiguetas de *E. ciliaris* são maiores, com 2-4x1-2 mm e as espiguetas de *E. tenella* são bem menores, de 1,5-2,5x1-1,2 mm.

1.5 *Eragrostis lugens* Nees, Agrost. Bras. in Mart., Fl. Bras. Enum. Pl. 2(1):505. 1829.

Fig. 2 a-b; 6 h-i

Plantas perenes, cespitosas, 50-70 cm; colmos eretos, 3-4 nós. **Folhas** distribuídas ao longo do colmo, eglandulosas; **bainhas** foliares mais longas ou mais curtas que os entrenós, glabras; **lâminas** 8-16,5x0,1-0,2 cm, lanceoladas ou lineares, flexíveis, involutas, com tricomas longos e esparsos na face ventral; **lígula** 0,2-0,4 mm compr., ciliada. **Panícula** aberta, 11-32 x 8-32 cm, ramos predominantemente alternos, alguns opostos, desprovidos de espiguetas na base entre 1/5 a 1/3 do seu comprimento; axilas com tricomas delicados, com protuberâncias pulviniformes evidentes; pedicelos eglandulosos, pulviniformes, axilas pilosas. **Espiguetas** 3-6x1-2 mm, plúmbeo-arroxeadas, ovais, 3-8 floras; ráquila não aparente, tenaz, lemas caducos da base para o ápice, páleas persistentes; **glumas** caducas, lanceoladas,

a inferior 0,9-1x0,5 mm, a superior 1,2-1,4x0,6-0,7 mm, ambas 1-nervadas, ambas escabras ou a inferior lisa em toda extensão; **lemas** 1,5-1,8x0,8-1 mm, caducos, **ovados**, 3-nervados, escabros no ápice da nervura central; **páleas** 1,3-1,5x0,3-0,4 mm, caducas, oblanceoladas, escabras nos 2/3 superiores das quilhas. **Estames** 3, anteras violáceas, 0,3-0,4 mm compr. **Cariopse** 0,5-0,6 mm compr., zona do embrião mais longa que a metade do comprimento do fruto, castanha, truncada no ápice e na base, superfície reticulada.

Nomes populares: pasto-ilusão (Smith *et al.* 1981); pasto-mosquito, palha-voadora (Nicora & Rúgolo de Agrasar 1987).

Hábitat: entre calçamento com solo arenoso próximo de praia.

Distribuição geográfica: Estados Unidos, América Central e quase toda a América do Sul, excetuando Colômbia, Guianas e Suriname (Boechat & Longhi-Wagner 2000; 2001; Clayton *et al.* 2006). No Brasil ocorre no Distrito Federal, Bahia, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e nos três estados do sul (Longhi-Wagner 2012a). Na Ilha de Santa Catarina foi encontrada somente no extremo norte, em Jurerê.

Período em que foi coletada com flor e/ou fruto: Janeiro.

Material examinado: BRASIL. SANTA CATARINA. Florianópolis: Jurerê, 19/I/2011, J. P. R. Ferreira 149 (FLOR).

Eragrostis lugens Nees e *E. polytricha* Nees assemelham-se muito no aspecto da panícula, forma e tamanho da espiguetas, número de estames e forma da cariopse, com grande sobreposição de valores para diversos caracteres, trazendo dúvidas sobre o limite entre esses táxons. As suas principais diferenças estão descritas nos comentários da última espécie.

Smith *et al.* (1981) cita diversos materiais referentes a *Eragrostis lugens* para Ilha de Santa Catarina depositados nos herbários FLOR e HBR. Porém, todos esses registros apresentam folhas rijas e eretas, freqüentemente com bainhas e lâminas densamente pilosas, características associadas a *E. polytricha*. Sendo assim, nesse trabalho consta o primeiro e único registro dessa espécie para a Ilha de Santa Catarina.

1.6 *Eragrostis macrothyrsa* Hack., Repert. Spec. Nov. Regni Veg. 8: 47. 1910.

Fig. 2 c-e; 7 a-b

Plantas perenes, cespitosas, (110-)140-180 cm; colmos eretos, (5-)9-13 nós. **Folhas** concentradas na base da planta, eglandulosas; **bainhas** foliares mais longas, densamente pilosas, especialmente junto as margens; **lâminas** 22-90x0,3-0,6 cm, lancoelada-acuminadas, planas

ou involutas, glabras ou apenas com tricomas esparsos na porção basal da face adaxial e dispostos até o primeiro 1/4 do tamanho das lâminas, estes geralmente caducos; **lígula** 0,2-0,5 mm compr., ciliada. **Panícula** geralmente laxa, aberta, densiflora, 32-45x8-22 cm, ramos verticilados, subverticilados, opostos, menos comumente alternos, desprovidos de espiguetas na base entre 1/6 a 1/3 do seu comprimento; axilas glabras, raramente pilosas no primeiro ramo, com protuberâncias pulviniformes evidentes; pedicelos eglandulosos, não pulviniformes, axilas glabras. **Espiguetas** 5-7x1-2 mm, verde-escuras, oblongas, 5-9 floras; ráquila aparente ou não, temporariamente tenaz, lemas caducos irregularmente ao longo da espiguetas, páleas persistentes ou ráquila desarticulando-se do ápice para a base; **glumas** caducas, lanceoladas, a inferior 1,5-1,7x0,4-0,6 mm, a superior 1,9-2,3x0,7-0,8 mm, ambas 1-nervadas, inteiramente escabras ou no 3/4 superiores da nervura; **lemas** 2-2,5x1-1,2 mm, caducos, elípticos, 3-nervados, escabros na 1/2 superior da nervura central; **páleas** 1,9-2,2x0,7-0,8mm, persistentes, oblanceoladas, escabras na 1/2 superior as quilhas. **Estames** 3, anteras violáceas, 0,8-1 mm compr. **Cariopse** 1-1,1 mm compr., zona do embrião igual ou mais longa que a metade do comprimento do fruto, castanha ou castanha-escura, truncada no ápice e na base, sulcada superfície reticulada.

Hábitat: sobre solo pouco compactado em aterro recente de beira de estrada.

Distribuição geográfica: América do Sul: Bolívia, Paraguai e Brasil (Boechat & Longhi-Wagner 2000; 2001; Peterson *et al.* 2001). No Brasil há registro apenas para Mato Grosso do Sul (Boechat & Peterson 1995; Boechat *et al.* 2001; Longhi-Wagner 2012a). Na Ilha de Santa Catarina foi encontrada somente na porção central-sul, na localidade de Costeira do Pirajubaé.

Período em que foi coletada com flor e/ou fruto: setembro e outubro.

Material examinado: BRASIL. SANTA CATARINA. Florianópolis: Costeira do Pirajubaé, 28/IX/2011, J. P. R. Ferreira 190 (FLOR); 4/X/2011, J. P. R. Ferreira & A. Zanin 194, 195 (FLOR).

Material adicional examinado: BRASIL. MATO GROSSO DO SUL. Miranda: à 6 km da sede da Fazenda Bodoquena, 12/VI/1973, T. S. da Silva 100, 101, 107 (SP). SANTA CATARINA. Lages: 11/XI/2007, A. Zanin & B. H. Santos 1404 (FLOR).

Eragrostis macrothyrsa Hack. caracteriza-se por apresentar plantas de porte alto, entre 1-2m alt. com colmos sublenhosos e bainhas densamente pilosas, especialmente nas margens das folhas mais jovens e panícula laxiflora, ampla.

Eragrostis macrothyrsa é uma espécie pouco conhecida no Brasil, com registro na literatura apenas para o município de Miranda, no Mato Grosso do Sul, em topo de serra, nas proximidades da Fazenda

Bodoquena, próximo a Serra de Bodoquena (Boechat & Peterson 1995; Boechat & Longhi-Wagner 2001). Renvoize (1998) citou essa espécie para Bolívia, para a região de Santa Cruz, em campos a 500m de altitude. Morrone *et al.* (2008) a referiram como endêmica do Paraguai, para onde foi descrita por Hackel (1910), atribuindo sua ocorrência para altitudes entre 0 a 500m, sem informações sobre hábitat. Na Ilha de Santa Catarina foi encontrada formando populações esparsas em área alterada ao nível do mar. Além do material da Ilha, foi detectada no Herbário FLOR uma coleta de Lages (A. Zanin & B. H. Santos 1404) proveniente de uma população abundante em beira de estrada sobre solo seco e compacto. A citação de *E. macrothyrso*, no presente trabalho, referente a Ilha de Santa Catarina e Lages, corresponde ao segundo e terceiro registro de ocorrência para o Brasil, depois de Mato Grosso do Sul, sendo a primeira citação para a Ilha de Santa Catarina e estado de SC. Na Ilha foi coletada apenas na região da Costeira do Pirajubaé, numa área aterrada entre os períodos de 1995 a 2004 (Silva & Filho 2011), visando melhorar o trânsito de acesso aos bairros localizados no sul da Ilha.

Boechat & Longhi-Wagner (2001), citaram como Holótipo de *E. macrothyrso* “Hassler, Paraguai, US n.v.”. No entanto, na *opus princeps* Hackel (1910), deixa clara a citação do tipo como sendo uma coleta de Friebrig depositada no Herbário Hassler: “Paraguay, septentr. a. 1909, leg. Friebrig no. 5166 in Herb. Hassler”. Neste trabalho, foi observada uma imagem disponível *on line* do isótopo depositado no

Herbário K, com identificação de Hackel, autor da espécie, como *A. macrothyrsa*, n. 5166 de Friebbrig (*Sheet barcode* K 000308818).

1.7 *Eragrostis minor* Host, Icon. Descr. Gram. Austriac. 4:15. 1809.

Fig. 2 f-j; 7 c

Plantas anuais, cespitosas, 8-35 cm; colmos eretos, 2-3(-7) nós. **Folhas** distribuídas ao longo do colmo, glandulosas; **bainhas** foliares geralmente mais curtas que os entrenós, esparsa a densamente pilosas nas margens, com glândulas em forma de escavações na nervura central; **lâminas** (1,2-)2-8x0,1-0,2 cm, lanceoladas, planas ou involutas, com tricomas tuberculados nas margens especialmente junto à região ligular; **lígula** 0,2-0,5 mm compr., ciliada. **Panícula** aberta a subaberta (2,5-) 5-9,5x0,5-4,5 cm, ramos alternos, desprovidos de espiguetas na base entre 1/5 a 1/2 do seu comprimento; axilas glabras, com protuberâncias pulviniformes evidentes; pedicelos com anéis glandulares esparsamente dispostos em toda sua extensão, pulviniformes, axilas glabras. **Espiguetas** 3-6x1-2 mm, verdes-claras com tons purpúreos, lanceoladas, 3-13 floras; ráquila aparente ou não, tenaz, lemas caducos da base para o ápice, páleas persistentes; **glumas** caducas, lanceoladas, a inferior 1-1,4 x 0,4-0,6 mm, a superior 1,2-1,5 x 0,7-0,8 mm, ambas 1-nervadas, escabras somente no ápice da nervura, e com 1-4 pontos

glandulares dispostos **sobre a** mesma; **lemas** 1,2-1,5 x 1 mm, caducos, ovais-obtusos, 3-nervados, escabras somente no ápice da nervura central, com 1-2 pontos glandulares dispostos na mesma nervura; **páleas** 1,3-1,5 x 0,5-0,7 mm, persistentes, oblongas, escabras na metade superior das quilhas. **Estames** 3, anteras violáceas a castanhas, 0,15-0,25 mm compr. **Cariopse** 0,5-0,6 mm compr., zona do embrião igual ou mais curta que a metade do comprimento do fruto, castanha, arredondada no ápice e base, superfície reticulada.

Hábitat: em locais tipicamente antropizados como calçamento, beira de estradas e entre pedras.

Distribuição geográfica: regiões do leste Asiático, África, Austrália, Europa e Américas (Clayton *et al.* 2006). No Brasil é citada para Minas Gerais (Boechat *et al.* 2001; Longhi-Wagner 2012a). Na Ilha de Santa Catarina foi encontrada especialmente em Bairros dispostos no entorno da Universidade Federal de Santa Catarina, meio-oeste da Ilha (Cacupé) e norte (Ingleses).

Período em que foi coletada com flor e/ou fruto: outubro, janeiro, março e maio.

Material examinado: BRASIL. SANTA CATARINA. Florianópolis: Cacupé, 10/V/2010, J. P. R. Ferreira 94 (FLOR); Carvoeira, I/2010, T. Aguiar s.n. (FLOR 37593); 5/X/2010, J. P. R. Ferreira 131 (FLOR); Ingleses 19/I/2011, J. P. R. Ferreira & A. Zanin 165 (FLOR); Santa

Mônica, 18/I/2011, A. Zanin & B. H. Santos 1631 (FLOR); Trindade, 5/III/2010, J. P. R. Ferreira 44 (FLOR); 05/I/2011, A. Zanin 1629 (FLOR).

Eragrostis minor Host está entre as espécies encontradas na Ilha de Santa Catarina que possuem glândulas, juntamente com *E. plana* Nees, *E. tenuifolia* (A.Rich.) Hochst. ex Steud. e *E. tenella*. Conjuntamente apresentam glândulas de diferentes formas ou uniformes, em uma ou mais estrutura, como bainha foliar, pedicelo e nervura do lema, no entanto, *E. minor* é a única espécie em que foi observado glândulas sobre a nervura das glumas e lemas.

Eragrostis minor, possui hábito muito delicado e de pequeno porte, atingindo no máximo 35cm alt., espiguetas com ráquila tenaz e lemas que desarticulam da base em direção ao ápice, permanecendo somente as páleas de cor caracteristicamente esbranquiçada sobre a ráquila.

Boechat & Longhi-Wagner (2001), mencionaram *E. minor* como uma espécie muito rara no Brasil, conhecida apenas de uma coleta de Minas Gerais, de beira de rio (Oliveira s. n. ESAL 6520). Na Ilha de Santa Catarina ocorre com frequência em locais tipicamente antropizados especialmente nos meses de verão. *E. minor* está sendo citada pela primeira vez neste trabalho para a Ilha de Santa Catarina e estado de Santa Catarina e pela segunda vez para o Brasil.

1.8 *Eragrostis neesii* Trin. var. *lindmanii* (Hack.) Ekman, Ark. Bot. 13(10):51. 1913.

Fig. 2 1-m; 7 d

Plantas perenes, cespitosas, 15–25 cm; colmos eretos ou geniculadamente ascendentes, 3-4 nós. **Folhas** concentradas na base da planta, eglandulosas; **bainhas** foliares mais longas ou mais curtas que os entrenós, densamente pilosas; **lâminas** 3-7,5 x 0,1-0,35 cm, lanceoladas, planas, conduplicadas ou involutas, com tricomas longos, densamente dispostos em ambas as faces da lâmina, principalmente na abaxial; **lígula** 0,5-0,7 mm compr., ciliada. **Panícula** contraída, densiflora, 3-6 x 1-1,5 cm, ramos alternos, providos de espiguetas quase até a base; axilas glabras, sem protuberâncias pulviniformes evidentes; pedicelos eglandulosos, não pulviniformes, axilas glabras. **Espiguetas** 3-6,5 x 1-2 mm, arroxeadas, lanceoladas, 7-15 floras; ráquila não aparente, predominantemente tenaz, lemas caducos da base para o ápice, páleas persistentes ou ráquila desarticulando-se do ápice para a base; **glumas** caducas ou persistentes, lanceoladas, a inferior 0,7-0,8 x 0,3 mm, a superior 1,0-1,1 x 0,4 mm, ambas 1-nervadas, escabras nos 2/3 superiores da nervura; **lemas** 1,2-1,5 x 0,8-0,9 mm, caducos, ovados, 3-nervados, escabros no ápice da nervura central; **páleas** 1,2-1,3 x 0,3-0,4mm, temporariamente persistentes, oblanceoladas, escabras

na 1/2 superior das quilhas. **Estames** 2, anteras violáceas, 0,3-0,4 mm compr. **Cariopse** 0,5 mm compr., zona do embrião mais longa que a metade do comprimento do fruto, castanha, arredondada no ápice e truncada na base, superfície reticulada.

Hábitat: encontrado apenas sobre solo arenoso pouco compactado de aterro estabelecido recentemente em beira de estrada.

Distribuição geográfica: América do Sul: Bolívia, Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil (Boechat & Longhi-Wagner 2000; 2001; Peterson *et al.* 2001). No Brasil foi referida para Mato Grosso do Sul, Paraná e Rio Grande do Sul (Boechat *et al.* 2001; Longhi-Wagner 2012a). Na Ilha de Santa Catarina foi encontrada somente na região central-sul, na localidade de Costeira do Pirajubaé.

Período em que foi coletada com flor e/ou fruto: setembro.

Material examinado: BRASIL. SANTA CATARINA. Florianópolis: Costeira do Pirajubaé, 28/IX/2011, J. P. R. Ferreira 193 (FLOR).

Material adicional examinado: BRASIL. MATO GROSSO DO SUL. Campo Grande: Capão Bonito, 5/IX/1936, W. A. Archer & A. Gehrt 71B (SP). RIO GRANDE DO SUL. Porto alegre: Morro da Glória, X/1932, Rambo 734 (HBR); Piratini: Serra das Asperes, 10/XII/1989, J. A. Jarenkow 1535 (FLOR); Santana do Livramento: 27/IV/1979, J. F. M. Valls *et al.* 4729 (ICN).

Material *examinado* de *Eragrostis neesii* Trin. var. *neesii*: BRASIL. RIO GRANDE DO SUL. Alegrete: 40km ao leste em direção ao Rosário do Sul, 26/XI/1980, R. M. Klein & U. Pastore 11985 (FLOR); Itaqui: 16 km ao nordeste de Itaqui, 24/XI/1980, R. M. Klein & U. Pastore 11960 (FLOR). SANTA CATARINA. Lages: 22/I/1997, H. M. Longhi-Wagner 3669 (ICN).

Eragrostis neesii var. *lindmanii* caracteriza-se pelo hábito de porte pequeno, atingindo no máximo 25cm alt., com panícula tipicamente contraída e densiflora, além de bainhas e lâminas foliares densamente pilosas. Se diferencia da variedade típica, não encontrada na Ilha de Santa Catarina, por apresentar pedicelos eglandulosos, delicados e densamente escabros, enquanto que em *E. neesii* var. *neesii* os pedicelos são tipicamente lisos e com anéis glandulares.

Eragrostis neesii var. *lindmanii* está sendo citada pela primeira vez para a Ilha e Estado de Santa Catarina no presente trabalho.

1.9 *Eragrostis paniciformis* (A. Br.) Steud., Syn. Pl. Glumac. 1:268. 1854.

Fig. 3 a-d; 7 e-f

Plantas perenes, cespitosas, 30-65 cm; colmos eretos, menos freqüente geniculados, 2-5 nós. **Folhas** concentradas na base da planta,

eglandulosas; **bainhas** foliares geralmente mais longas que os entrenós, glabras, apenas com tricomas na porção basal da face adaxial e nas margens, especialmente junto à região ligular, estes geralmente caducos; **lâminas** 5-25x0,2-0,3 cm, lineares, planas ou involutas, glabras; **lígula** 0,1-0,12 mm compr., membranoso-ciliada. **Panícula** aberta a subaberta, 8-17x 8-11,5 cm, ramos alternos, menos freqüente verticilados ou opostos, desprovidos de espiguetas na base entre 1/6 a 1/2 do seu comprimento; axilas glabras, com protuberâncias pulviniformes evidentes; pedicelos eglandulosos, pulviniformes, axilas glabras. **Espiguetas** 5-8x3-4,5 mm, verdes-oliva, largamente ovadas, 10-22 floras; ráquila não aparente, tenaz, antécios caducos da base para o ápice; **glumas** caducas, ovadas, a inferior 1,6-2x0,6-0,8 mm, a superior 2-2,3x0,7-0,9 mm, ambas 1-nervadas, escabras na 1/2 superior da nervura; **lemas** 2-2,1x1,5-1,6 mm, caducos, largamente ovados, 3-nervados, lisos ou escabros no 1/3 superior da nervura central; **páleas** 1,6-2x0,9-1 mm, caducas, ovais, com bordos caracteristicamente alados inferiormente na face ventral de ápice agudo ou eroso, cilioladas nas quilhas até a base. **Estames** 3, anteras violáceas, 0,4-0,5 mm compr. **Cariopse** 1 mm compr., zona do embrião igual ou mais curta que a metade do comprimento do fruto, castanha, arredondada no ápice e na base, superfície reticulada.

Hábitat: em baixadas úmidas de locais alterados em beira de estrada.

Distribuição geográfica: África Tropical Oriental e Meridional e Austrália (Boechat *et al.* 2001; Clayton *et al.* 2006), América do Sul: Venezuela (Nozawa & Grande 2010) e Brasil: São Paulo (Boechat & Longhi-Wagner 2001; Longhi-Wagner 2012a). Na Ilha de Santa Catarina foi encontrada nos Bairros Costeira do Pirajubaé e Pântano do Sul localizados na parte sul da Ilha.

Período em que foi coletada com flor e/ou fruto: agosto e setembro.

Material examinado: BRASIL. SANTA CATARINA. Florianópolis: Costeira do Pirajubaé, 25/IX/2011, A. Zanin 1638 (FLOR); Pântano do Sul, 5/VIII/2011, J. P. R. Ferreira 183 (FLOR);

Material adicional examinado: BRASIL. SÃO PAULO. Caraguatatuba: 28/V/1986, J. F. M. Valls *et al.* 10270 (ICN).

Eragrostis paniciformis (A. Br.) Steud. diferencia-se de todas as espécies estudadas por apresentar espiguetas largamente ovadas e páleas com bordos caracteristicamente alados, de ápice agudo ou obtuso. É uma espécie pouco conhecida na América do sul, com registros apenas para regiões alteradas e elevadas, 1800-1900m alt., do estado andino de Mérida, Venezuela (Nozawa & Grande 2010) e Brasil, municípios de Caraguatatuba e São Luiz do Paraitinga, no estado de São Paulo, em altitudes de 50m e 940m, respectivamente, sem informações de habitat (Boechat & Peterson 1995). De acordo com Clayton *et al.* (1974), na África ocorre em altitudes entre 1300 e 2600m, sobre solos

úmidos. Na Ilha de Santa Catarina, foi encontrada formando populações esparsas em áreas alteradas sobre solos úmidos ao nível do mar. Pode ser considerada rara, sendo conhecida apenas de duas pequenas populações, cujas coleções foram realizadas durante a execução deste estudo. Além da utilização de literatura para identificação (Ibrahim & Kabuye 1987; Boechat & Longhi-Wagner 2001), foi observada imagem de material-tipo do Herbário K disponível *on line* (A. Braun *s.n.* Ethiopia, 1840, *Sheet barcode* K 000366405).

Eragrostis paniciformis está sendo citada pela primeira vez para a Ilha e estado de Santa Catarina neste trabalho. Trata-se de registro de ocorrência para um segundo Estado brasileiro, depois de São Paulo.

1.10 *Eragrostis pilosa* (L.) P. Beauv., Ess. Agrost., 71, 162, 175. 1812.

Fig. 3 e-h; 7 g-h

Plantas anuais, cespitosas, 25–65 cm; colmos eretos, às vezes geniculados, 2-4 nós. **Folhas** distribuídas ao longo do colmo, eglandulosas; **bainhas** foliares geralmente mais longas que os entrenós, glabras; **lâminas** 4-22x0,15-0,4 cm, lanceoladas, planas ou involutas, glabras, somente com tufo de tricomas laterais na região ligular,

geralmente caducos; **lígula** 0,2-0,3 mm compr., ciliada. **Panícula** aberta a subaberta 8-22(-27)x4-14 cm, ramos mais basais sempre verticilados, verticilados ou opostos em direção ao ápice, e os apicais predominantemente alternos, desprovidos de espiguetas na base entre 1/8 a 1/4 do seu comprimento, axilas glabras ou pilosas nos ramos mais basais, com protuberâncias pulviniformes evidentes; pedicelos eglandulosos, pulviniformes, axilas glabras. **Espiguetas** 2-5x1,5-2 mm, verde-claras a palhetes, violáceas no ápice dos lemas, linear-lanceoladas, 4-13 floras; ráquila aparente, tenaz, antécios caducos da base para o ápice, sobrando somente a ráquila nua flexuosa; **glumas** caducas, lanceoladas, a inferior 0,3-0,4x0,1 mm, enérvea, a superior 0,7-1x0,3-0,4 mm, 1-nervada, lisas; **lemas** 1-1,2x0,5-0,7 mm, caducos, ovais-agudos, 3-nervados, lisas; **páleas** 0,8-1,1x0,3-0,4mm, caducas, às vezes somente a pálea mais apical persistente, lineares-obtusas, escabras nos 2/3 superiores das quilhas ou lisas. **Estames** 3, anteras violáceas, 0,2 mm compr. **Cariopse** 0,7-0,9 mm compr., zona do embrião igual ou mais longa que a metade do comprimento do fruto, castanha, arredondada no ápice e na base, superfície reticulada.

Nomes populares: Capim-peludo (Smith *et al.* 1981), capim-barbicha-de-alemão, capim-orvalho, capim-mimoso (Kissmann 1997).

Hábitat: locais alterados como terrenos abandonados, beira de estradas e calçamentos.

Distribuição geográfica: Nativa da Eurásia, naturalizada em todos os continentes (Boechat *et al.* 2001). No Brasil é amplamente distribuída em todas as regiões do Brasil, não sendo citada apenas para os estados Acre, Amazonas, Rondônia, Sergipe e Tocantins (Longhi-Wagner 2012a). Na Ilha de Santa Catarina encontra-se amplamente distribuída.

Período em que foi coletada com flor e/ou fruto: novembro a maio e agosto.

Material examinado: BRASIL. SANTA CATARINA. Florianópolis: Daniela, 23/III/2010, J. P. R. Ferreira 60 (FLOR); Ingleses, 19/I/2011, J. P. R. Ferreira & A. Zanin 159, 164 (FLOR); Jurerê, 15/III/2010, J. P. R. Ferreira 54 (FLOR); Pântano do Sul 5/VIII/2011, J. P. R. Ferreira 186 (FLOR); Ratones, 25/XI/2009, J. P. R. Ferreira 34 (FLOR); Santo Antônio de Lisboa, 15/V/2010, J. P. R. Ferreira 91 (FLOR); Trindade 22/II/1972, R. M. Klein & A. Breolin 10071 (FLOR); 15/XI/2008 A. Zanin 1586 (FLOR); 1/III/2010 J. P. R. Ferreira 36 (FLOR); 5/III/2010 J. P. R. Ferreira 41 (FLOR); 5/I/2011 A. Zanin 1625, 1627 (FLOR); 27/I/2011 J. P. R. Ferreira & A. Zanin 172 (FLOR).

Material adicional examinado: BRASIL. RIO GRANDE DO SUL. Imbé: 24/V/1995, H. M. Longhi-Wagner 2785 (ICN). SANTA CATARINA. Criciúma: 21/I/1997, H. M. Longhi-Wagner 3574 (ICN).

Eragrostis pilosa (L.) P. Beauv. caracteriza-se por apresentar folhas tipicamente glabras, panícula aberta com os ramos basais

verticilados de axilas pilosas, ápice dos lemas nitidamente arroxeados e a ráquila nua persistente após a queda das glumas e dos antécios maduros, estes caindo no sentido da base para o ápice.

Smith *et al.* (1981) mencionaram a semelhança entre *E. pilosa* e *E. lugens*, principalmente no aspecto da panícula e espiguetas.

No presente trabalho, observou-se que em *E. pilosa* as panículas são menores, (8-24x4-14cm), com ramos sempre ascendentes, as espiguetas possuem antécios frouxamente imbricados, deixando a ráquila aparente e os lemas são arroxeados no ápice. Já em *E. lugens* as panículas são maiores (11-32x8-32cm), com ramos ascendentes ou perpendiculares à ráquis, as espiguetas possuem antécios fortemente imbricados sem ráquila aparente e os lemas não apresentam cor arroxeadas no ápice.

1.11 *Eragrostis plana* Nees, Fl. Afr. Austral. III., 390. 1841.

Fig. 3 i-l; 7 i; 8 a

Plantas perenes, cespitosas, formando touceiras fortemente aderidas ao solo, 45-75 cm; colmos eretos, 3-6 nós. **Folhas** concentradas na base da planta, glandulosas; **bainhas** foliares comprimidas lateralmente, geralmente mais longas que os entrenós,

com tricomas tuberculados nas margens e em tufos laterais especialmente junto à região ligular, com glândulas em forma de escavações na nervura central; **lâminas** 15-40x0,1-0,25 cm, filiformes ou lineares, planas ou conduplicadas, glabras; **lígula** 0,1-0,3 mm compr., ciliada. **Panícula** contraída, 12-25 x 2-8 cm, ramos alternos, providos de espiguetas até a base ou desprovidos entre 1/6 a 1/4 do seu comprimento; axilas glabras, com protuberâncias pulviniformes evidentes; pedicelos com anéis e escavações glandulares esparsamente dispostos em toda sua extensão, não pulviniformes, axilas glabras. **Espiguetas** 7-13x1,5-2 mm, verde-escuras brilhantes, lineares, 6-13 floras; ráquila aparente, tenaz, lemas caducos do ápice para a base, páleas persistentes; **glumas** caducas, lineares, a inferior 0,15-0,5 x 0,05-0,01 mm, enérvea, a superior 0,9-1,2 x 0,15-0,2 mm, 1-nervada, escabra sobre a nervura; **lemas** 2-2,8 x 0,5-0,8 mm, caducos, oblongo-obtusos, 3-nervados, escabros somente no ápice da nervura central, com 2-4 pontos glandulares dispostos sobre todas as nervuras; **páleas** 2-2,2 x 0,3-0,4 mm, persistentes, oblanceoladas, escabras nas quilhas nos 2/5 superiores. **Estames** 3, anteras violáceas, 1-1,5 mm compr. **Cariopse** 1-1,2 mm compr., zona do embrião mais longa ou igual a metade do comprimento do fruto, castanha, arredondada no ápice e truncada na base, comprimida lateralmente, sulcada, superfície reticulada.

Nomes populares: Capim-annoni-2, capim-chorão, capim-teff (Kissmann 1997).

Hábitat: beira de estrada e aterro.

Distribuição geográfica: Ásia, África tropical e África do Sul, Nova Zelândia, introduzida na América, com registros para Estados Unidos, Venezuela, Guiana e Brasil (Clayton *et al.* 2006; Boechat & Longhi-Wagner 2000, 2001) e Uruguai (Morrone *et al.* 2008). No Brasil possui registro para Tocantins, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo e nos três estados da região sul (Longhi-Wagner 2012a). Na Ilha de Santa Catarina foi encontrada apenas nas margens da Via Expressa Sul, durante este estudo, sendo o primeiro registro para a Ilha e o segundo para o Estado depois da citação de Boechat & Longhi-Wagner (2001), para Curitibanos, no meio-oeste de Santa Catarina.

Período em que foi coletada com flor e/ou fruto: setembro.

Material examinado: BRASIL. SANTA CATARINA. Florianópolis: Costeira do Pirajubaé, 25/IX/2011, A. Zanin 1639 (FLOR); 28/IX/2011, J.P.R. Ferreira 189 (FLOR).

Material adicional examinado: BRASIL. SANTA CATARINA. Curitibanos: 08/XII/1992, Z. Rúlogo *et al.* 1559 (ICN). SÃO PAULO. Itararé: 24/I/1996, H. M. Longhi-Wagner & S. C. Boechat 3060 (ICN).

Eragrostis plana Nees assemelha-se a *E. tenuifolia* (A. Rich) Hochst. ex Steud. por apresentar espiguetas lineares verde-escuras com glumas curtíssimas, cariopse sulcada e comprimida lateralmente, bem

como folhas concentradas na base da planta com lâminas lineares. Porém, a primeira possui escavações glandulares nas nervuras dos lemas, anéis glandulares nos pedicelos, axilas dos pedicelos glabras, e bainhas foliares brilhantes e fortemente comprimidas lateralmente, enquanto *E. tenuifolia* não apresenta glândulas nos lemas, possui axila dos pedicelos pilosas, e bainhas não comprimidas e brilhantes lateralmente.

Boechat & Longhi-Wagner (2001) mencionaram a possibilidade de *E. plana* apresentar pilosidade na axila dos ramos primários da panícula. Os materiais coletados na Ilha de Santa Catarina não apresentaram essa característica, sendo observados apenas indivíduos com axilas dos ramos e dos pedicelos glabras.

Essa espécie *Eragrostis* é conhecida por ser uma invasora muito agressiva em campos nativos ou abandonados, bem como solos extremamente compactados. Sua introdução no Brasil foi acidental, mas em 1970, suas sementes foram amplamente distribuídas para regiões do Rio Grande do Sul, bem como em outros estados sob o nome comercial de Capim-Annoni-2. Acreditava-se inicialmente que essa espécie fosse uma boa forrageira pela sua alta produção de folhagem, porém constataram que a mesma apresentava baixa qualidade nutricional e que se alastrava facilmente pelos campos e pastagens, além de ser rejeitada pelo gado. A partir disso, o Ministério da Agricultura publicou a Portaria MA nº 205, que proíbe a comercialização, transporte,

importação e exportação de sementes e mudas do Capim-Annoni-2 no RS (Focht 2008).

1.12 *Eragrostis polytricha* Nees, Agrost. Bras. in Mart., Fl. Bras. Enum. Pl. 2(1):507-508. 1829.

Fig. 3 m-o; 8 b

Plantas perenes, cespitosas, 28–65 cm; colmos eretos, 1-3 nós. **Folhas** concentradas na base da planta, eglandulosas; **bainhas** foliares mais longas que os entrenós, esparsa a densamente pilosas; **lâminas** 7-28x0,15-0,5 cm, lineares, geralmente planas, convolutas ou involutas, rijas, sempre eretas, com tricomas longos, esparsos ou densamente dispostos em ambas as faces da lâmina; **lígula** 0,2-0,3 mm compr., ciliada. **Panícula** geralmente aberta ou subaberta, 7-31x 2-27 cm, ramos predominantemente alternos, alguns opostos, desprovidos de espiguetas na base entre 1/6 a 1/3 do seu comprimento; axilas glabras ou com tricomas delicados, com protuberâncias pulviniformes evidentes; pedicelos eglandulosos, pulviniformes, axilas glabras ou pilosas. **Espiguetas** 2,3-6x1-2,5 mm, palhete-escuras ou verde-oliváceas, ovais a lanceoladas, 3-8 floras; ráquila não aparente ou às vezes parcialmente aparente, tenaz, lemas caducos da base para o ápice, páleas persistentes; **glumas** caducas, lanceoladas, a inferior 0,8-1x0,4-0,5 mm, a superior 1,2-1,5x0,5-0,7 mm, ambas 1-nervadas, escabras na nervura central;

lemas 1,2-1,8x0,7-1 mm, caducos, ovados, 3-nervados, escabros no ápice da nervura central; **páleas** 1,3-1,6x0,4-0,5mm, persistentes, oblanceoladas, escabras na 1/2 ou 2/3 superiores das quilhas. **Estames** 3, anteras castanhas, 0,3-0,4 mm compr. **Cariopse** 0,6-0,7 mm compr., zona do embrião mais longa que a metade do comprimento do fruto, castanha, truncada no ápice e na base, sulcada, superfície reticulada.

Nome popular: palha-voadora (Burkart 1969).

Hábitat: campos úmidos, pedregosos e arenosos, em dunas, restingas, pastagens e beira de estrada.

Distribuição geográfica: Estados Unidos, México, Mesoamérica, América do Sul excetuando Peru, Equador e Suriname (Boechat & Longhi-Wagner 2000). No Brasil possui registro para o Acre, Espírito Santo, Distrito Federal, Roraima, Pernambuco, Bahia, Paraíba, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo e para os três estados da região sul (Longhi-Wagner 2012a). Na Ilha de Santa Catarina é amplamente distribuída.

Período em que foi coletada com flor e/ou fruto: novembro a janeiro.

Material examinado: BRASIL. Santa Catarina. Florianópolis: Itacorubi, 22/I/1992, M. H. de Queiroz s.n. (FLOR 40483); Jurerê, 17/I/1966, R. M. Klein & A. Bresolin 6551 (FLOR, HBR); Lagoa da Conceição, 16/I/1992, F. A. Silva F. 950 (FLOR); Morro do Ribeirão, 9/XII/1966,

R. M. Klein 6936 (FLOR, HBR); Rio Vermelho, 30/XI/1984, *M. Leonor Souza & A. Zanin 501* (FLOR); 19/I/2011, *J. P. R. Ferreira & A. Zanin 170* (FLOR).

Material adicional examinado: BRASIL. Santa Catarina. Bom Retiro, 22/I/1997, *H. M. Longhi-Wagner 3647, 3652* (ICN). Lages: 8 km de Painel, 19/XII/1971, *L. B. Smith & R. M. Klein 15913* (HBR). São Joaquim: 7 km ao sul de São Joaquim, 5/XII/1964, *L. B. Smith & R. M. Klein 14244* (HBR).

Eragrostis polytricha Nees, assemelha-se a *E. lugens*, sendo de difícil diferenciação. Alguns autores mantêm as duas espécies como táxons distintos (Burkart 1969; Rosengurt *et al.* 1970; Renvoize 1984; Boechat & Longhi-Wagner 2001) outros os sinonimizaram como Smith *et al.* (1981). Segundo Boechat & Longhi-Wagner (2001) as espécies se distinguem no hábito, sendo as folhas de *E. polytricha* mais concentradas na base, mais largas e planas, bem eretas e geralmente ultrapassando a base da inflorescência, enquanto em *E. lugens* as folhas são mais caulinares, mais curtas e estreitas, formando touceiras mais pobres. Estas características foram observadas no material estudado e utilizadas para distinguir as duas espécies. Observou-se também que as folhas em *E. polytricha* são rijas, além de geralmente planas e em *E. lugens* flexíveis e freqüentemente involutas. Cabe ressaltar, que embora Boechat & Longhi-Wagner (2001) mantiveram os dois táxons como

distintos, salientaram a necessidade de estudos envolvendo outras abordagens para melhor posicionamento sobre seus limites.

Algumas vezes *E. polytricha* assemelha-se a *E. trichocolea* Hack. & Arechav., devido as folhas rijas e aspecto da inflorescência, sendo as principais diferenças entre elas apontadas nos comentários da última espécie.

1.13 *Eragrostis tenella* (L.) P. Beauv. ex Roem. & Schult., Syst. Veg. 2:576. 1817.

Eragrostis amabilis (L.) Wight & Arn., Cat. Indian Pl. n. 1777. 1834. (citado sob esta denominação por Boechat & Longhi-Wagner (2001) para o Brasil e Boechat *et al.* (2001) para São Paulo)

Fig. 4 a-b; 8 c-e

Plantas anuais, cespitosas, 10-30 cm; colmos comumente ascendentes e geniculados, 2-4 nós. **Folhas** distribuídas ao longo do colmo, eglandulosas; **bainhas** foliares geralmente mais curtas que os entrenós, esparsamente pilosas ou glabras; **lâminas** 2,5-5x0,1-0,2 cm, lanceoladas, planas ou involutas, com tricomas tuberculados nas margens especialmente junto à região ligular; **lígula** 0,15-0,2 mm compr., ciliada. **Panícula** aberta, 4-14x1-6 cm, ramos alternos, desprovidos de espiguetas na base entre 1/6 a 1/3 do seu comprimento;

axilas pilosas, com protuberâncias pulviniformes; pedicelos com escavações glandulares, pulviniformes, axilas glabras ou apresentando tricomas esparsos delicados. **Espiguetas** 1,5-2,5x1-1,2 mm, verdes-claras a arroxeadas, ovadas, 3-8 floras; ráquila aparente, frágil, desarticulando-se entre os antécios do ápice para a base; **glumas** caducas, ovais, a inferior 0,6-0,8x0,3-0,4 mm, a superior 0,9-1x0,4-0,6 mm, ambas 1-nervadas, escabras na metade superior da nervura central; **lemas** 0,8-1,0x0,4-0,6 mm, caducos, oval-obtusos, 3-nervados, lisos; **páleas** 0,7-1x0,2-0,3 mm, caducas, somente a mais basal persistente, oblanceoladas, com tricomas tuberculados longos sobre as quilhas. **Estames** 3, anteras violáceas, 0,2 mm compr. **Cariopse** 0,4-0,5 mm compr., zona do embrião mais curta que a metade do comprimento do fruto, castanha, elíptica, superfície lisa.

Hábitat: em áreas antropizadas como beira de estrada, ruas e calçamentos.

Distribuição geográfica: nativa do Velho Mundo, naturalizada nos trópicos e subtropicais (Boechat & Longhi-Wagner 2001 sob *Eragrostis amabilis* (L.) Wight & Arn.). Adventícia no Brasil, com registros para todas as regiões, sendo que para a região sul é citada apenas para o estado do Paraná (Boechat & Longhi-Wagner 2001 sob *E. amabilis*; Longhi-Wagner 2012a).

Período em que foi coletada com flor e/ou fruto: setembro, novembro e janeiro.

Material examinado: BRASIL. SANTA CATARINA. Florianópolis: Carvoeira, 28/IX/2010, R. Trevisan 1078 (FLOR); Jurerê 11/I/2011, J. P. R. Ferreira 147 (FLOR); Santa Mônica, 25/I/2011, A. Zanin 1633 (FLOR); Trindade, 23/XI/2010, J. P. R. Ferreira 143 (FLOR); 5/I/2011, A. Zanin 1626 (FLOR); 19/I/2011, A. Zanin 1632 (FLOR).

Material adicional examinado: BRASIL. DISTRITO FEDERAL. Brasília: Reserva Ecológica do IBGE, 23/II/1997, H. M. Longhi-Wagner 3916 (ICN).

Eragrostis tenella (L.) P. Beauv. ex Roem. & Schult. compartilha com *E. ciliaris* a presença de tricomas tuberculados longos sobre as quilhas das páleas, porém as duas espécies diferenciam-se facilmente pela panícula, aberta em *E. tenella* e espiciforme, densiflora em *E. ciliaris*, além de outras características já mencionadas nos comentários desta última.

Eragrostis tenella foi citada por Boechat & Longhi-Wagner (2001) na sinonímia de *E. amabilis* (L.) Wight & Arn., no entanto, o binômio *E. tenella* é mais antigo, e deve prevalecer de acordo com o princípio de prioridade estabelecido pelo Código Internacional de Nomenclatura Botânica (McNeill *et al.* 2006).

Eragrostis tenella está sendo citada pela primeira vez para a Ilha e Estado de Santa Catarina no presente trabalho.

1.14 *Eragrostis tenuifolia* (A. Rich.) Hochst ex Steud., Syn. Pl. Glumac. 1: 268. 1854.

Fig. 4 c-f; 8 f

Plantas anuais, cespitosas, 30-90 cm; colmos eretos, 2-5 nós. **Folhas** concentradas na base da planta, glandulosas ou eglandulosas; **bainhas** foliares mais longas ou mais curtas que os entrenós, pilosas nas margens, às vezes com glândulas em forma de escavações na nervura central; **lâminas** 9-30(-35)x0,1-0,4 cm, lanceoladas, geralmente planas, às vezes involutas ou conduplicadas, glabras, com tricomas laterais na região ligular e na região do colo, excetuando a nervura central; **lígula** 0,15-0,3 mm compr., ciliada. **Panícula** aberta a subaberta 8-26 x 3-11 cm, ramos alternos, desprovidos de espiguetas na base entre 1/8 a 1/3 do seu comprimento, axilas pilosas, com protuberâncias pulviniformes evidentes; pedicelos às vezes glandulosos, apresentando vários pontos glandulares miúdos, pulviniformes, axilas pilosas. **Espiguetas** 4-14x1-2,5 mm, verde-escuras a plúmbeas, não brilhantes, lineares, 4-12 floras; ráquilla aparente, tenaz, lemas caducos da base para o ápice, páleas persistentes; **glumas** caducas, lanceoladas, a inferior 0,4-0,8x0,1 mm, enérvea, a superior 0,7-1,2x0,2-0,4 mm, 1-nervada, lisas; **lemas** 1,8-

2,2x0,6-0,9 mm, caducos, lineares-agudos, 3-nervados, escabros no 1/3 superior da nervura central; **páleas** 1,5-1,9x0,3-0,5mm, persistentes, lineares-obtusas, escabras nos 2/3 superiores das quilhas. **Estames** 3, anteras violáceas a castanhas, 0,2-0,4 mm compr. **Cariopse** 1-1,2 mm compr., zona do embrião igual ou mais longa que a metade do comprimento do fruto, castanha, arredondada no ápice e trucada na base, comprimida lateralmente, sulcada, superfície reticulada.

Nome popular: grama-elástica (Jung *et al.* 2008).

Hábitat: ruderal, sendo comum em beira de estradas e caminhos em geral, margem de calçadas e gramados e em solos descobertos compactados ou arenosos do litoral.

Distribuição geográfica: Nativa da África Tropical e Ásia. Naturalizada desde o México até a Argentina e também Austrália (Boechat *et al.* 2001). No Brasil é referida para os estados de Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul (Longhi-Wagner 2012a). Na Ilha de Santa Catarina é amplamente distribuída.

Período em que foi coletada com flor e/ou fruto: janeiro, março a maio, julho a setembro e novembro.

Material examinado: BRASIL. SANTA CATARINA. Florianópolis: Campeche, 14/IX/2009, J. P. R. Ferreira 15 (FLOR); Córrego Grande, 14/IX/2009, J. P. R. Ferreira 6 (FLOR); Costeira do Pirajubaé

28/IX/2011, *J. P. R. Ferreira* 192 (FLOR); Daniela, 23/III/2010, *J. P. R. Ferreira* 66 (FLOR); 19/VIII/2010, *J. P. R. Ferreira* 119 (FLOR); Ingleses, 16/IV/2010, *J. P. R. Ferreira* 77 (FLOR); 19/I/2011, *J. P. R. Ferreira & A. Zanin* 166, 167 (FLOR); Jurerê, 23/III/2010, *J. P. R. Ferreira* 57 (FLOR); Lagoa da Conceição, 20/XI/2010, *J. P. R. Ferreira* 136 (FLOR); Pântano do Sul 5/VIII/2011, *J. P. R. Ferreira* 180 (FLOR); Praia do Forte, 13/VII/2010, *J. P. R. Ferreira* 113 (FLOR); Praia Mole, 27/VIII/2010, *J. P. R. Ferreira* 126 (FLOR); Ratones, 25/XI/2009, *J. P. R. Ferreira* 31 (FLOR); Rio Tavares, 14/IX/2009, *J. P. R. Ferreira* 9, 12 (FLOR); Santo Antônio de Lisboa, 15/V/2010, *J. P. R. Ferreira* 92 (FLOR); Trindade 30/I/2008, *A. Zanin* 1512 (FLOR); 15/XI/2008 *A. Zanin* 1586 (FLOR); 1/III/2010 *J. P. R. Ferreira* 39, 40 (FLOR); 5/III/2010 *J. P. R. Ferreira* 45 (FLOR).

Material adicional examinado: BRASIL. GOIÁS. Alto Paraíso: 25/II/1997, *H. M. Longhi-Wagner* 3949 (ICN). RIO GRANDE DO SUL. Gramado: IX/1997, *H. M. Longhi-Wagner s.n.* (ICN 113922). SÃO PAULO. Itirapina: 27/I/1996, *H. M. Longhi-Wagner et al.* 3304 (ICN).

Eragrostis tenuifolia (A. Rich) Hochst. ex Steud., assemelha-se a *E. plana* no aspecto das folhas e inflorescências, forma linear das espiguetas e presença de glumas escamiformes, sendo suas principais diferenças já apontadas nos comentários de *E. plana*.

Eragrostis tenuifolia é a espécie mais freqüente do gênero na Ilha de Santa Catarina, muito comum tanto no perímetro urbano como rural, ocorrendo preferencialmente em margens de rodovias, e em locais de ocupação e de intensificação de atividade humana, concordando com as informações de Guglieri-Caporal *et al.* (2011) para a espécie no Mato Grosso do Sul. Jung *et al.* (2008) referiram que *E. tenuifolia* é uma espécie de difícil controle, por ser resistente ao fogo e pisoteio, sendo firmemente aderida ao solo.

Eragrostis tenuifolia está sendo citada pela primeira vez para o Estado e Ilha de Santa Catarina neste trabalho.

1.15 *Eragrostis trichocolea* Hack. & Arechav., Gram. Urug., 384. 1896

Fig. 4 g-i; 8 g

Plantas perenes, cespitosas, 25–72 cm; colmos ascendentes, 3-6(-8) nós, às vezes radicantes nos nós inferiores. **Folhas** distribuídas ao longo dos colmos, caracteristicamente dísticas, eglandulosas; **bainhas** foliares geralmente mais curtas que os entrenós, glabras, raramente com tricomas esparsos nas margens; **lâminas** 4-17x0,1-0,45 cm, lineares, involutas, rijas, ascendentes, com tricomas longos na porção basal da face adaxial, geralmente caducos, e tufo de tricomas laterais na região

ligular, visíveis a olho nu; **lígula** 0,3-0,5 mm compr., ciliada. **Panícula** geralmente aberta a subaberta 5-17x4-15 cm, ramos basais verticilados, ramos medianos e apicais opostos ou alternos, desprovidos de espiguetas na base entre 1/8 a 1/2 do seu comprimento; axilas glabras, com protuberâncias pulviniformes evidentes; pedicelos eglandulosos, pulviniformes, axilas glabras. **Espiguetas** 2,2-6x1-2,5 mm, castanhas a plúmbeo-claras, ovais, (2-)3-6 floras; ráquila não aparente, frágil, desarticulando entre os antécios do ápice para a base; **glumas** caducas, ovais, a inferior 1-1,5(-2,0)x0,4-0,5 mm, a superior 1,6-2,0(-2,4)x0,6-0,8 mm, ambas 1-nervadas, escabras na nervura central; **lemas** 2-2,5x1-1,2 mm, caducos, ovados, 3-nervados, escabros no 1/3 superior da nervura central; **páleas** 1,6-2,0 x 0,4-0,6mm, caducas, oblanceoladas, escabras na metade superior das quilhas. **Estames** 3, anteras castanhas ou violáceas, 0,4-0,6 mm compr. **Cariopse** 0,8-1,0 mm compr., zona do embrião mais curta que a metade do comprimento do fruto, castanha, arredondada no ápice e truncada na base, superfície reticulada.

Hábitat: entre dunas no interior da restinga, menos frequentemente mais próximo a praia.

Distribuição geográfica: Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil (Morrone *et al.* 2008). No Brasil possui registro para São Paulo e os três estados da região sul (Longhi-Wagner 2012a). Na Ilha de Santa Catarina foi encontrada ao norte na praia de Daniela, na porção leste na

Lagoa da Conceição, Joaquina e Rio Vermelho e ao sul no Pântano do Sul.

Período em que foi coletada com flor e/ou fruto: novembro, janeiro, fevereiro, abril e julho.

Material examinado: BRASIL. SANTA CATARINA. Florianópolis: Daniela, 23/II/1988, *M. Leonor Souza* 991 (FLOR); Joaquina, 30/IV/2010, *J. P. R. Ferreira* 78 (FLOR); 14/VII/2010, *J. P. R. Ferreira* 117 (FLOR); Lagoa da Conceição, 30/I/2004, *T. B. Guimarães & D. B. Falkenberg* 450 (FLOR); Pântano do Sul 18/I/1966, *R. M. Klein & A. Bresolin* 6574 (FLOR); Rio Vermelho, 16/XI/1984, *F. A. Silva F., M. Leonor Souza & A. Zanin* 230, 251 (FLOR).

Material adicional examinado: BRASIL. RIO GRANDE DO SUL. Torres: II/1949, *Ronna s.n.* (ICN 31635).

Eragrostis trichocolea Hack. & Arechav, *E. lugens* e *E. polytricha* assemelham-se nas dimensões da inflorescência, e no número de estames, igual a 3. Porém, *E. trichocolea* diferencia-se das duas espécies por apresentar folhas rijas, ascendentes com disposição caracteristicamente dística ao longo do colmo, além de possuir lemas mais longos, de 2-2,5mm de comprimento enquanto nas outras duas espécies não ultrapassam 1,8mm.

2. *Spartina* Schreb., Gen. Pl. 1: 43. 1789.

Plantas perenes, cespitosas ou rizomatosas, colmos eretos; prefoliação convoluta. **Lâminas** foliares lineares, agudas, às vezes recurvas; lígula ciliada. **Panícula** contraída de ramos unilaterais espiciformes alternos dispostos ao longo da ráquis, com espiguetas às vezes densamente imbricadas. **Espiguetas** basítonas, sésseis, lateralmente compressas, unifloras, místicas, sem extensão da ráquila; ráquila desarticulando abaixo das glumas, espiguetas caindo inteiras; gluma inferior menor que o antécio, a superior excedendo-o; agudas a mucronadas; lema 1-3-nervado, quilhado, místico, menor que a pálea ou de igual tamanho; pálea membranosa. **Estames** 3. **Cariopse** fusiforme.

Gênero com cerca de 18 espécies, típicas de pântanos salgados ou praias e dunas da América, Europa, África, Ásia e Antártica (Giacobbo & Boechat 1988, Clayton *et al.* 2006). No Brasil está representado por três espécies nativas (Filgueiras 2012), as quais ocorrem na Ilha de Santa Catarina.

**Chave para as espécies de *Spartina* da Ilha de Santa
Catarina, Santa Catarina, Brasil**

1. Glumas falciformes fortemente ciliadas sobre a nervura, cílios visíveis a olho nu; ramos da panícula superpostos entre si; plantas típicas de dunas e restingas.....2.2 *S. ciliata*

1. Glumas lineares ou linear-lanceoladas, glabras ou levemente ciliadas ou escabras sobre a nervura; ramos da panícula não superpostos entre si, plantas típicas de mangues.
 2. Gluma inferior alcançando ou ultrapassando a metade do comprimento da gluma superior; lâminas 0,4-1,5 cm larg., lanceoladas, pungentes.....2.1 *S. alterniflora*

 2. Gluma inferior menor do que a metade do comprimento da gluma superior; lâminas 0,2-0,5 cm larg., lineares, não pungentes.....2.3 *S. densiflora*

Um estudo de aspecto anatômico de Santos & Almeida (2000) com as espécies de *Spartina* ocorrentes na Ilha de Santa Catarina, revela que a adaptação ao ambiente lodoso e arenoso com alta concentração de salinidade onde vivem, se deve à presença de saliências e reentrâncias existentes na face adaxial da folha, cujo arranjo evita a perda de turgescência da própria folha, além da presença de células que retém a

água da planta (células buliformes) e de glândulas de sal que evitam um nível nocivo de acúmulo de íons minerais nos tecidos.

2.1 *Spartina alterniflora* Loisel., Fl. Gall., 719. 1807

Fig. 4 j-m; 9 a-c

Plantas perenes, cespitoso-rizomatosas, com numerosas raízes, 44-131 cm; colmos eretos, 8-9 nós pouco evidentes. **Folhas** distribuídas ao longo do colmo; **bainhas** foliares mais longas que os entrenós, glabras; **lâminas** 9,5-44x0,4-1,5 cm, lanceoladas, agudas, pungentes, convolutas, involutas ou planas, glabras; **lígula** 1-2 mm compr. **Panícula** de 3-12 ramos unilaterais espiciformes alternos, de 5-13,5x0,3-0,5 cm. **Espiguetas** 10-17x1,5-2,5 mm, unifloras, palhetes; **glumas** caducas, linear-lanceoladas, a inferior 5,5-11,5x0,3-0,6 mm, alcançando ou ultrapassando a metade da gluma superior, gluma superior 10-17 x 1,8-2,3 mm, ambas 1-nervadas, glabras ou levemente ciliadas na nervura; **lema** 9-12x1,7-2,2 mm, linear-lanceolado, 1-nervado, glabro ou ciliolado no ápice da nervura; **pálea** 9,5-13x1,6-2,3 mm, linear, maior que o lema, glabra. **Estames** 3, anteras castanhas, 4,5-5,5 mm compr. **Cariopse** 3,5-6,5 mm compr.

Nome popular: capim-praturá (Smith *et al.* 1981).

Hábitat: em solos úmidos de mangue e em praia próximo de manguezal.

Distribuição geográfica: Europa, Ásia temperada, Nova Zelândia, Américas do Norte e do Sul (Clayton *et al.* 2006). Ocorre em todo o Brasil, sendo mais comum do estado de São Paulo para o sul (Longhi-Wagner 2001). Na Ilha de Santa Catarina foi registrada especialmente na costa norte.

Período em que foi coletada com flor e/ou fruto: de janeiro a junho.

Material examinado: BRASIL. Santa Catarina. Florianópolis: Daniela, 18/IV/1986, *M. Leonor Souza & M. Fronza* 874 (FLOR); 23/II/1988, *M. Leonor Souza et al* 988 (FLOR); 15/III/1988, *M. Leonor Souza et al.* 1077 (FLOR); 5/IV/1988, *M. Leonor Souza* 964 (FLOR); 05/VI/1989, *Marisa & S. L. Almeida* 1, 2, 3, 4, 5, 9, 12, 13, 16, 17, 19, 22 (FLOR); 27/III/1993, *D. B. Falkenberg & F. J. J. Niervo* 6079, 6081 (FLOR); 23/III/2010, *J. P. R. Ferreira* 70 (FLOR); 29/I/2011, *J. P. R. Ferreira* 174 (FLOR); Ratones 10/IV/1984, *Maike* 06, 12, 13 (FLOR); 17/IV/1984, *Maike* 14, 15, 16, 17 (FLOR); 19/IV/1984, *Maike* 19 (FLOR); 06/V/1984, *Maike* 20 (FLOR); Rio Tavares 16/II/1966, *R. M. Klein & Souza Sob.* 6669 (FLOR, HBR); Trindade, 29/III/2009, *A. Zanin & B. H. Santos* 1581 (FLOR).

De acordo Smith *et al.* (1981) *Spartina alterniflora* Loisel. constitui a parte mais importante do cinto de vegetação em fente aos manguezais, onde ocorre junto com *S. densiflora* Brongn., desenvolvendo-se nas margens mais profundas. Segundo os mesmos

autores, é também o elemento mais significativo para a deposição das partículas de sedimentos em suspensão nas desembocaduras dos rios ou regatos, contribuindo decisivamente na formação dos solos lodosos dos mangues.

Spartina alterniflora e *S. densiflora* ocupam o mesmo ambiente nas margens de manguezais e assemelham-se no padrão da inflorescência. No entanto, *S. alterniflora* diferencia-se por apresentar colmos mais robustos, especialmente na base, bem como pelas características apresentadas na chave.

Morrone *et al.* (2008) citaram *Spartina alterniflora* na sinonímia de *S. fasciculata* (Lam.) P. Beauv., no entanto, o nome *S. alterniflora* é mais antigo (Peterson *et al.* 2001), e deve prevalecer de acordo com o princípio de prioridade estabelecido pelo Código Internacional de Nomenclatura Botânica.

2.2 *Spartina ciliata* Brongn, Voy. Monde 2(2):15, t. 2. 1829.

Fig. 5 a-d; 9 d-e

Plantas perenes, cespitoso-rizomatosas, 60-141 cm; colmos eretos, 6-9 nós pouco evidentes. **Folhas** distribuídas ao longo do colmo; **bainhas** foliares mais longas que os entrenós, glabras; **lâminas** 9-

66x0,2-0,7 cm, lineares, recurvas, convolutas ou involutas, glabras; **lígula** 1-4 mm compr. **Panícula** de 4-16 ramos unilaterais espiciformes alternos, superpostos entre si, de 2-5x0,2-0,5 cm. **Espiguetas** 8-11x2,2-4 mm, unifloras, palhetes; **glumas** caducas, falciformes, a inferior 5-7x0,6-1,2 mm, a superior 7-10,5x2-2,8 mm, ambas 1-nervadas, fortemente ciliadas sobre as nervuras, visíveis a olho nú; **lema** 5-7,1x1,8-2,5 mm, lanceolado, 1-nervado, estrigoso na nervura; **pálea** 5,4-7,8x2-2,4 mm, estreitamente elíptica, levemente escabra até a base, raro lisa, margens involutas; **Estames** 3, anteras 3,5-4,5 mm compr., amarelo-púrpúreas. **Cariopse** 2,8-3,5 mm compr.

Nome popular: capim-das-dunas(Smith *et al.* 1981)

Hábitat: dunas, restinga, praia, entre pedras no costão.

Distribuição geográfica: Argentina, Uruguai e Brasil: do Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul (Longhi-Wagner 2001) Na Ilha de Santa Catarina foi encontrada nas costas leste e norte.

Período em que foi coletada com flor e/ou fruto: dezembro a maio e de julho a setembro.

Material examinado: BRASIL. Santa Catarina. Florianópolis: Açores, 14/V/2010, J. P. R. Ferreira 106 (FLOR); Campeche, 17/II/1967, R. M. Klein 7252 (FLOR, HBR); Costão do Santinho, 23/I/2009, A. Zanin & B. H. Santos 1564 (FLOR); Daniela, 23/II/1988, M. Leonor Souza *et al.*

989 (FLOR); 27/III/1993, *D. B. Falkenberg & F. J. J. Niervo* 6080 (FLOR); 23/III/2010, *J. P. R. Ferreira* 69 (FLOR); Ingleses 16/IV/2010, *J. P. R. Ferreira* 75 (FLOR); Joaquina, 6/VIII/1991, *D. B. Falkenberg, Marisa, S. L. Almeida* 5525, 5526 (FLOR); 30/IV/2010, *J. P. R. Ferreira* 79 (FLOR); 14/VII/2010, *J. P. R. Ferreira* 116 (FLOR); 22/IX/2011, *J. P. R. Ferreira* 187 (FLOR); Jurerê, 15/III/2010, *J. P. R. Ferreira* 52 (FLOR); Lagoa da Conceição, 18/XII/1968, *R. M. Klein* 8054 (FLOR, HBR); Pântano do Sul, 16/III/1966, *R. M. Klein, Souza Sob. & A. Bresolin* 6700 (FLOR, HBR); 14/V/2010, *J. P. R. Ferreira* 105 (FLOR); 5/VIII/2011, *J. P. R. Ferreira* 176 (FLOR); Rio Vermelho, 27/II/1985, *F. A. Silva F., M. Leonor Souza & D. B. Falkenberg* 355 (FLOR).

Spartina ciliata Brongn. é uma espécie importante na fixação de dunas, devido aos seus colmos firmes e raízes profundas, sendo ocasionalmente cultivada com esse fim (Rosengurt et al. 1970). Em estado vegetativo pode ser confundida com *Panicum racemosum* (P. Beauv.) Spreng. que ocupa o mesmo ambiente. No entanto, *Spartina ciliata* destaca-se por seu maior porte, rizomas menos desenvolvidos, bainhas glabras (vilosas com tricomas retróscos em *P. racemosum*) e lâminas menos subuladas. De acordo com Giacobbo & Boechat (1988) *P. racemosum* também apresenta nós dos colmos castanhos mais evidentes.

2.3 *Spartina densiflora* Brongn, Voy. Monde 2(2):14. 1829.

Fig. 5 e-f; 9 f-g

Plantas perenes, cespitoso-rizomatosas, 50-165 cm; colmos eretos, 5-10 nós. **Folhas** distribuídas ao longo do colmo; **bainhas** foliares mais longas que os entrenós, glabras; **lâminas** 8-70x0,2-0,5 cm, lineares, agudas, não pungentes, convolutas ou involutas, glabras; **lígula** 1-2 mm compr. **Panícula** de 3-8 ramos unilaterais espiciformes alternos, de 4-8,5x0,2-0,4 cm. **Espiguetas** 7,5-13x1,2-2 mm, unifloras, verde-claras ou palhetes; **glumas** caducas, lineares, a inferior 1,6-3,2x0,3-0,4 mm, menor que a metade da gluma superior, gluma superior 6,5-13x1,6-1,8 mm, ambas 1-nervadas, levemente escabras sobre a nervura; **lema** 5-8x1,4-2 mm, lanceolado, 1-nervado, escabro na nervura; **pálea** 5,5-9x1,4-1,6 mm, linear, maior que o lema, glabras ou brevemente escabras sobre as nervuras. **Estames** 3, anteras amarelas, 3-4 mm compr. **Cariopse** 3-3,5 mm compr.

Nome popular: capim-praturá (Smith *et al.* 1981).

Hábitat: área de mangue herbáceo, próximo a praia em solo lodoso.

Distribuição geográfica: Sul da Europa (Clayton *et al.* 2006) e América do Sul: Argentina, Urugai, Chile e Brasil. No Brasil, ocorre em São Paulo e nos três estados da região sul (Longhi-Wagner 2001, Filgueras

2012). Na Ilha de Santa Catarina foi encontrada especialmente na porção norte.

Período em que foi coletada com flor e/ou fruto: Janeiro a abril e junho.

Material examinado: BRASIL. Santa Catarina. Florianópolis: Daniela, 7/VI/1988, *M. Leonor Souza et al.* 987 (FLOR); 5/VI/1989, *Marisa & S. L. Almeida* 15, 21, 23 (FLOR); 23/I/1990, *Marisa & S. L. Almeida* 31, 33, 35 (FLOR); 27/III/1993, *D. B. Falkenberg & F. J. J. Niervo* 6078 (FLOR); Jurerê, 11/II/1988, *M. Leonor Souza et al.* 1024 (FLOR); 5/IV/2011, *J. P. R. Ferreira & A. Zanin* 175 (FLOR); Ratones, 26/III/1993, *D. B. Falkenberg & F. J. J. Niervo* 6077 (FLOR).

Material adicional examinado: BRASIL. Santa Catarina. Laguna: 26/II/1952, *R. Reitz* 4442 (HBR).

Spartina densiflora é uma espécie que tende a ocorrer junto com *S. alterniflora* em áreas próximas a vegetação arbustiva e arbórea de manguezais. Da mesma forma que *S. alterniflora*, contribui com a deposição de partículas em suspensão na água salobra para a formação do solo lodoso e preparando-o para a instalação das espécies arbustivas e arbóreas do mangue (Smith *et al.* 1981).

3. *Sporobolus* R. Br., Prodr., 169. 1810

Plantas anuais ou perenes, cespitosas, às vezes rizomatosas ou estoloníferas, eglandulosas ou menos comumente com glândulas nos ramos da inflorescência e pedicelos; prefoliação convoluta. **Lâminas** foliares lanceoladas ou lineares; lígula ciliada ou membranoso-ciliada. **Inflorescência** em panícula aberta, menos freqüentemente contraída ou espiciforme, com ramos primários alternos, opostos ou verticilados, providos de espiguetas desde a base ou não. **Espiguetas** lanceoladas ou elípticas, 1-floras, ráquila articulada acima das glumas; glumas persistentes ou caducas, (0-)1-nervadas, gluma inferior menor que o lema, gluma superior menor, igual ou ultrapassando o mesmo; lemas 1(-3) nervados, lanceolados, elípticos ou ovados; páleas semelhantes aos lemas, iguais ou de maior comprimento que estes; muitas vezes dividindo longitudinalmente por pressão do fruto em desenvolvimento. **Estames** (1-)2-3. **Cariopse** apresentando epicarpo e mesocarpo deliquescente em contato com a umidade, liberando a semente envolta no endocarpo, este às vezes viscoso.

Gênero com cerca de 100 espécies, distribuídas nas regiões tropicais, subtropicais e temperadas do mundo (Burkart 1969). No Brasil está representado por 28 espécies (Boechat & Longhi-Wagner 1995; Longhi-Wagner 2012b).

Na Ilha de Santa Catarina o gênero está representado por duas espécies nativas.

**Chave para as espécies de *Sporobolus* da Ilha de Santa
Catarina, Santa Catarina, Brasil**

1. Glumas alcançando mais de 2/3 do comprimento do antécio;
folhas nitidamente dísticas, distribuídas ao longo dos colmos;
plantas rizomatosas.....3.2 *S. virginicus*
1. Glumas menores que 2/3 do comprimento do antécio; folhas não
nitidamente dísticas, concentradas na base do colmo; plantas
cespitosas.....3.1 *S. indicus*

3.1 *Sporobolus indicus* (L.) R. Br., Prodr., 170. 1810.

Fig 5 g-h; 9 h-i

Plantas perenes, cespitosas, 42-90 cm; colmos eretos, 2-3 nós. **Folhas** concentradas na base da planta, eglandulosas; **bainhas** foliares mais longas ou mais curtas que os entrenós, glabras ou apenas ciliadas nas margens; **lâminas** 4,5-37x0,15-0,5 cm, lanceoladas, planas, convolutas ou involutas, glabras; **lígula** 0,2-0,3 mm compr., membranoso-ciliada. **Panícula** contraída a espiciforme, 5,5-37,5x0,15-1,5 cm, ramos alternos, providos de espiguetas até a base. **Espiguetas** 1,2-2,9x0,3-1,2 mm, verde-oliváceas, ovadas; glumas não atingindo 2/3

do tamanho do antécio, páleas e lemas de igual tamanho; **glumas** persistentes, oblongas, a inferior 0,4-0,8x0,25-0,35mm, enérvea, a superior 0,8-1,3x0,4-0,5mm, 1-nervada, lisas; **lemas** 1,5-2,3x0,5-0,6mm, elípticos acuminados, 1-nervados, lisos; **páleas** 1,4-2,2x0,4-0,6mm, ovais, lisas. **Estames** 3, anteras violáceas, 0,4-0,7mm compr. **Cariopse** 1-1,3 mm compr., castanha, comprimida lateralmente, superfície reticulada.

Nomes populares: capim-mourão, capim-cortezia, capim-lucas, capim-touceirinha, capim-capeta, capim-cortisia (Smith *et al.* 1981, Kissmann 1997).

Hábitat: em solos compactados secos, humosos ou arenosos; beira de estradas, em calçamentos, campos e pastagens.

Distribuição geográfica: Boechat & Longhi-Wagner (1995) e Boechat *et al.* (2001) referiram esta espécie (sob *S. indicus* (L.) R. Brown var. *indicus*) para o México até Argentina, Uruguai e Brasil. Clayton *et al.* (2006) indicaram para Europa, África, Américas do Norte e do Sul e Ilhas subantárticas. No Brasil é referida para todas as regiões, exceto para poucos Estados (Longhi-Wagner 2012b). Na Ilha de Santa Catarina é amplamente distribuída.

Período em que foi coletada com flor e/ou fruto: o ano todo.

Material examinado: BRASIL. Santa Catarina. Florianópolis: Açores, 14/V/2010, *J. P. R. Ferreira* 102 (FLOR); Cacupé, 10/V/2010, *J. P. R. Ferreira* 96 (FLOR); Campeche, 14/IX/2009, *J. P. R. Ferreira* 13 (FLOR); Carvoeira, IX/2009, *J. P. R. Ferreira* 21 (FLOR); Córrego Grande, 14/IX/2009, *J. P. R. Ferreira* 7 (FLOR); Daniela, 7/VI/1988, *M. Leonor Souza et al.* 983 (FLOR); 23/III/2010, *J. P. R. Ferreira* 62 (FLOR); 19/VIII/2010, *J. P. R. Ferreira* 123 (FLOR); Fazenda da Ressacada, IX/2009, *J. P. R. Ferreira* 27 (FLOR); Ingleses, 16/IV/2010, *J. P. R. Ferreira* 74 (FLOR); 19/I/2011, *J. P. R. Ferreira & A. Zanin* 156 (FLOR); Joaquina, 14/VII/2010, *J. P. R. Ferreira* 115 (FLOR); Jurerê, 11/II/1988, *M. Leonor Souza* 1039 (FLOR); 23/III/2010, *J. P. R. Ferreira* 55 (FLOR); Lagoa da Conceição, 20/XI/2010, *J. P. R. Ferreira* 137 (FLOR); Lagoa do Peri, 5/III/2010, *J. P. R. Ferreira* 48 (FLOR); Matadeiro, 14/XI/2010, *J. P. R. Ferreira* 134 (FLOR); Pântano do Sul 5/VIII/2011, *J. P. R. Ferreira* 181 (FLOR); Praia do Forte, 13/VII/2010, *J. P. R. Ferreira* 107 (FLOR); Praia Mole, 27/VIII/2010, *J. P. R. Ferreira* 129 (FLOR); Ratones, 25/XI/2009, *J. P. R. Ferreira* 28 (FLOR); Rio Tavares, 13/V/1953, *R. Reitz & R. M. Klein* 733, 735 (HBR); 23.XII.1959, *R. Reitz* 5103 (HBR); 14/IX/2009, *J. P. R. Ferreira* 10 (FLOR); Rio Vermelho, 10/II/1976, *A. Bresolin* 1177 (FLOR; HBR); 30/XI/1984, *M. Leonor Souza, A. Zanin & C. Leite* 516 (FLOR); Santo Antônio de Lisboa, 15/V/2010, *J. P. R. Ferreira* 87 (FLOR); Trindade, 05/III/2009, *A. Zanin* 1578 (FLOR).

Sporobolus indicus (L.) R. Br. é uma espécie polimórfica especialmente em relação ao aspecto da inflorescência, o que levou vários autores a reconhecerem variedades para a mesma. Para o Brasil, Boechat & Longhi-Wagner (1995) e Boechat *et al.* (2001) reconheceram *S. indicus* var. *indicus* (com panícula contraída e ápice da lâmina foliar agudo e reto) e *S. indicus* var. *pyramidalis* (P.Beauv.) Veldkamp (com panícula semi-contraída e ápice da lâmina foliar acuminado e flexuoso), esta última é atualmente aceita na sinonímia de *S. jacquemontii* Kunth (Longhi-Wagner 2012b). As plantas estudadas para a Ilha Santa Catarina apresentam panícula contraída.

3.2 *Sporobolus virginicus* (L.) Kunth., Révis. Gramin. 1: 67. 1829.

Fig. 5 i-l; 9 j

Plantas perenes, rizomatosas, 40-70 cm; colmos decumbentes na base, 4-10(-15)nós. **Folhas** distribuídas disticamente ao longo do colmo, eglandulosas; **bainhas** foliares geralmente mais curtas que os entrenós, glabras; **lâminas** 3,5-9,5x0,15-0,4 cm, lanceoladas, planas, convolutas ou involutas, esparsamente pilosa na base da face adaxial; **lígula** 0,1-0,2 mm compr., membranoso-ciliada. **Panícula** espiciforme, 5-9,5x0,6-1,2 cm, ramos alternos, providos de espiguetas até a base. **Espiguetas** 2-2,5x0,8-1,5 mm, verde-oliváceas, ovadas; glumas

atingindo mais de 2/3 do comprimento do antécio; páleas e lemas de igual tamanho; **glumas** persistentes, lanceoladas, a inferior 1,6-2x0,4-0,6 mm, a superior 2-2,5x0,6-0,9mm, 1-nervadas, lisas ou escabras no 1/3 superior da nervura central; **lemas** 2-2,2x0,6-0,7 mm, lanceolados, 1-nervados, lisos; **páleas** 1,8-2x0,5-0,6 mm, ovais, lisas. **Estames** 3, anteras castanho- amareladas, 1-1,2 mm compr. **Cariopse** não encontrada nos materiais estudados.

Nomes populares: grama-da-praia (Smith *et al.* 1981).

Hábitat: em solo arenosos de praia, dunas e algumas vezes em áreas de transição para manguezais.

Distribuição geográfica: África, Ásia temperada e tropical, Austrália, Américas do Norte, Central e do Sul (Clayton *et al.* 2006). No Brasil está registrada para toda sua Costa (Longhi-Wagner 2012b). Para a Ilha de Santa Catarina, os registros são especialmente para a parte norte.

Período em que foi coletada com flor e/ou fruto: janeiro a abril.

Material examinado: BRASIL. Santa Catarina. Florianópolis: Daniela, 26/III/1986, *M. Leonor Souza* 1172 (FLOR); 23/II/1988, *M. Leonor Souza et al.* 984 (FLOR); 23/III/2010, *J. P. R. Ferreira* 68 (FLOR); Ingleses 23/I/2009, *A. Zanin & B. H. Santos* 1569 (FLOR); 16/IV/2010, *J. P. R. Ferreira* 71 (FLOR); Jurerê 11/I/2011, *J. P. R. Ferreira* 152 (FLOR); Rio Tavares, 11/III/1953, *R. Reitz & R. M. Klein* 296 (HBR).

Material adicional examinado: BRASIL. Santa Catarina. Florianópolis: Ilha Francisca, 17/II/1975, L. B. Smith, R. M. Klein & A. Bresolin 16151 (FLOR).

Sporobolus virginicus (L.) Kunth é típica de regiões de praia e encosta de dunas, crescendo em solos salinos. Destingue-se de outras espécies de *Sporobolus* do Brasil por ser uma planta rizomatosa e apresentar colmos ascendentes com folhas notavelmente dísticas.

Boechat & Longhi Wagner (1995) e Giraldo-Cañas & Peterson (2009) salientaram a baixa frequência de cariopse nesta espécie, tendo sido destacado também em Boechat *et al.* (2001) que essa estrutura não foi vista, assim como no material estudado para a Ilha de Santa Catarina.

CONCLUSÕES

1. Para a Tribo Eragostideae foi confirmada a ocorrência de um gênero na Ilha de Santa Catarina, *Eragrostis* Wolf. , com 15 espécies, uma representada por táxon infraespecífico: *Eragrostis airoides* Nees, *E. bahiensis* Schrad. ex Schult., *E. cataclasta* Nicora, *E. ciliaris* (L.) R. Br., *E. lugens* Nees, *E. macrothyrsa* Hack., *E. minor* Host, *E. neesii* var. *lindmanii* (Hack.) Ekman, *E. paniciformis* (A. Br.) Steud., *E. pilosa* (L.) P. Beauv., *E. plana* Nees, *E. polytricha* Nees, *E. tenella* (L.) P. Beauv. ex Roem. & Schult., *E. tenuifolia* (A. Rich.) Hochst. ex Steud. e *E. trichocolea* Hack. & Arechav.

2. Para a Tribo Zoyseae foi confirmada a ocorrência de dois gêneros com espécies nativas, *Spartina* Schreb. com três espécies: *S. alterniflora* Loisel., *S. ciliata* Brongn. e *S. densiflora* Brongn. e *Sporobolus* R. Br. com duas espécies: *S. indicus* (L.) R. Br. e *S. virginicus* (L.) Kunth.

3. O gênero *Eragrostis* possui oito espécies nativas: *E. airoides*, *E. bahiensis*, *E. cataclasta*, *E. lugens*, *E. macrothyrsa*, *E. neesii* var. *lindmanii*, *E. polytricha* e *E. trichocolea* e sete introduzidas da África e outras regiões tropicais, maioria provavelmente de forma acidental.

4. Seis espécies do gênero *Eragrostis* constituem-se em citações novas para o Estado e Santa Catarina e consequentemente para a Ilha de Santa Catarina: *Eragrostis macrothyrsa*, *E. minor*, *E. neesii* (representada por *E. neesii* var. *lindmanii*), *E. paniciformis*, *E. tenella* e *E. tenuifolia*. Duas espécies constituem-se em citação nova apenas para a Ilha: *E. lugens* e *E. plana*.

5. As espécies do gênero *Spartina* na Ilha de Santa Catarina encontram-se presentes em regiões de manguezais contribuindo com a deposição de partículas no solo ou em restinga como fixadoras de dunas móveis, sendo de essencial importância para a manutenção da dinâmica desses ambientes.

6. As espécies de *Eragrostis* e *Sporobolus* estão distribuídas especialmente em áreas abertas de restinga, remanescentes campestres, terrenos baldios, beira de estradas, comportando-se como ruderais e pioneiras de áreas alteradas. Algumas espécies florescem durante todo o ano, porém a maioria floresce predominantemente no verão.

7. É possível concluir deste trabalho, também a importância de estudos dedicados a floras locais ou regionais, dado o número elevado de espécies com seu registro de ocorrência ampliado no Brasil, sendo seis espécies anteriormente não citadas para o Estado de Santa Catarina e três espécies com o segundo registro de

ocorrência para o Brasil (*Eragrostis macrothyrsa*, *E. minor* e *E. paniciformis*)

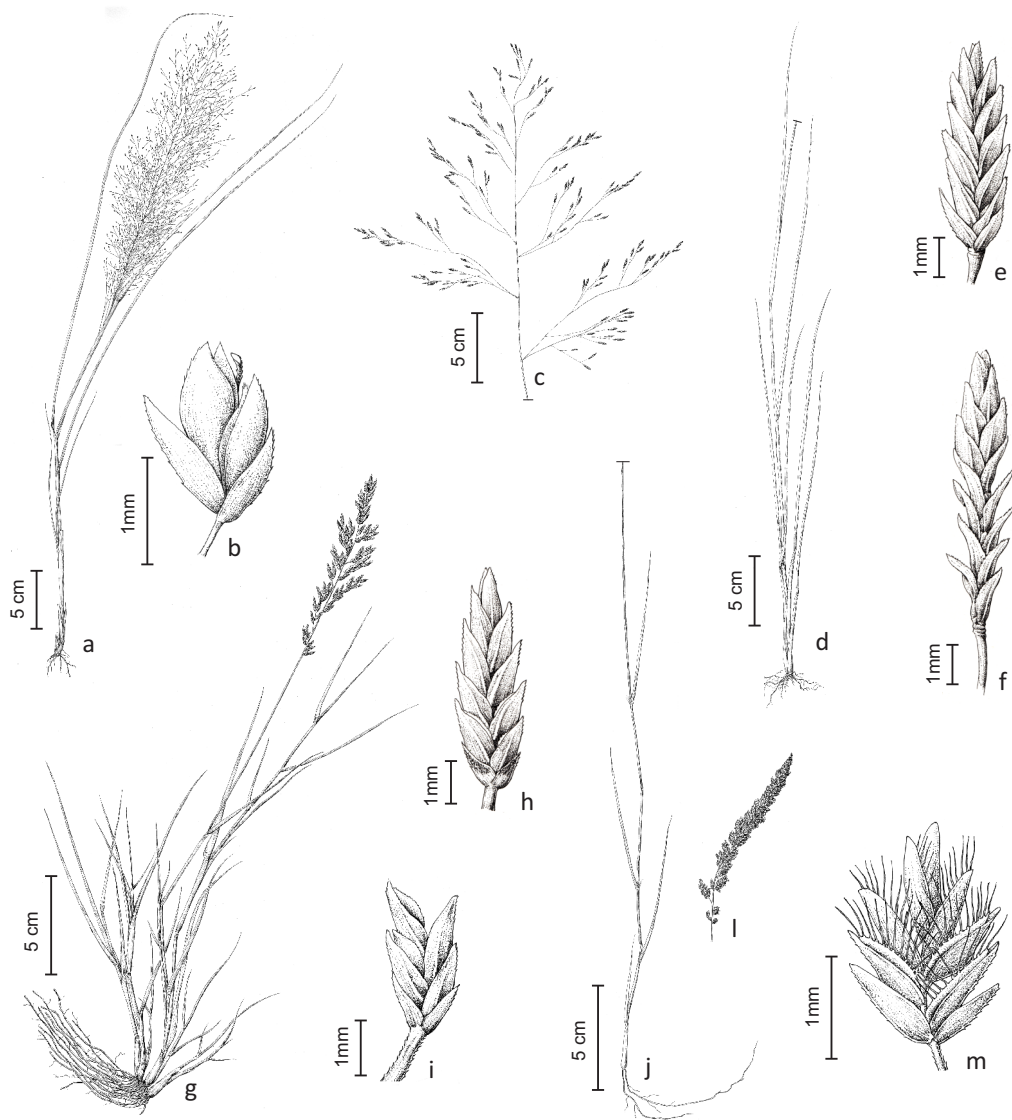


Figura.1 *Eragrostis airoides* (J. P. R. Ferreira 154) – a. hábito – b. espigueta. *E. bahiensis* (J. P. R. Ferreira 120) – c. inflorescência – d. colmo da planta – e. espigueta jovem – f. espigueta madura com lemas desarticulando-se da base para o ápice. *E. cataclasta* (J. P. R. Ferreira 148) g. hábito – h. espigueta jovem – i. espigueta madura com antécios desarticulando-se do ápice para a base. *E. ciliaris* (J. P. R. Ferreira & A. Zanin 155) j. colmo da planta – l. inflorescência – m. espigueta.



Figura. 2 *Eragrostis lugens* (J. P. R. Ferreira 149) – a. hábito – b. espiguetas. *E. macrothyrsa* (J. P. R. Ferreira & A. Zanin 195) – c. colmo da planta – d. inflorescência – e. espiguetas. *E. minor* (J. P. R. Ferreira & A. Zanin 165) – f. hábito – g. espiguetas jovens – h. detalhe das glândulas presentes na nervura central dos lemas – i. espiguetas maduras somente com as páleas persistentes – j. vista abaxial da região ligular da folha, com glândulas presentes nas nervuras. *E. neesii* var. *lindmanii* (J. P. R. Ferreira 193) – l. hábito – m. espiguetas.

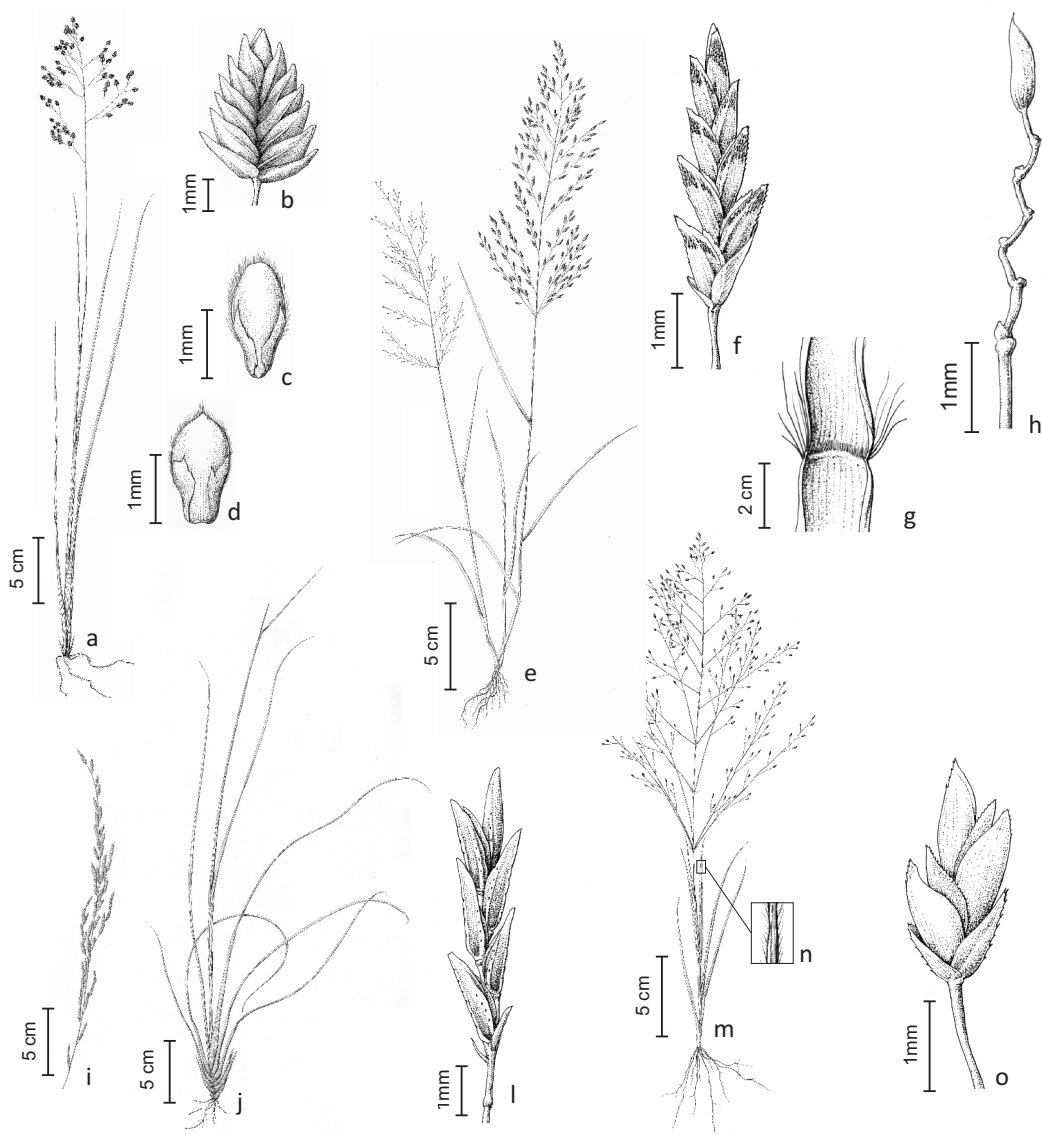


Figura. 3 *Eragrostis paniciformis* (J. P. R. Ferreira 183) – **a.** hábito – **b.** espiguetas – **c-d.** vista ventral das páleas, com destaque para as alas de ápice agudo e obtuso eroso. *E. pilosa* (J. P. R. Ferreira 36) – **e.** hábito – **f.** espiguetas – **g.** vista adaxial da região ligular – **h.** espiguetas maduras com antécios caducos da base para o ápice. *E. plana* (J. P. R. Ferreira 189) – **i.** inflorescência – **j.** colmo da planta – **l.** espiguetas com glândulas nas nervuras dos lemas. *E. polytricha* (J. P. R. Ferreira & A. Zanin 170) – **m.** hábito – **n.** detalhe dos tricomas densos na lâmina – **o.** espiguetas.

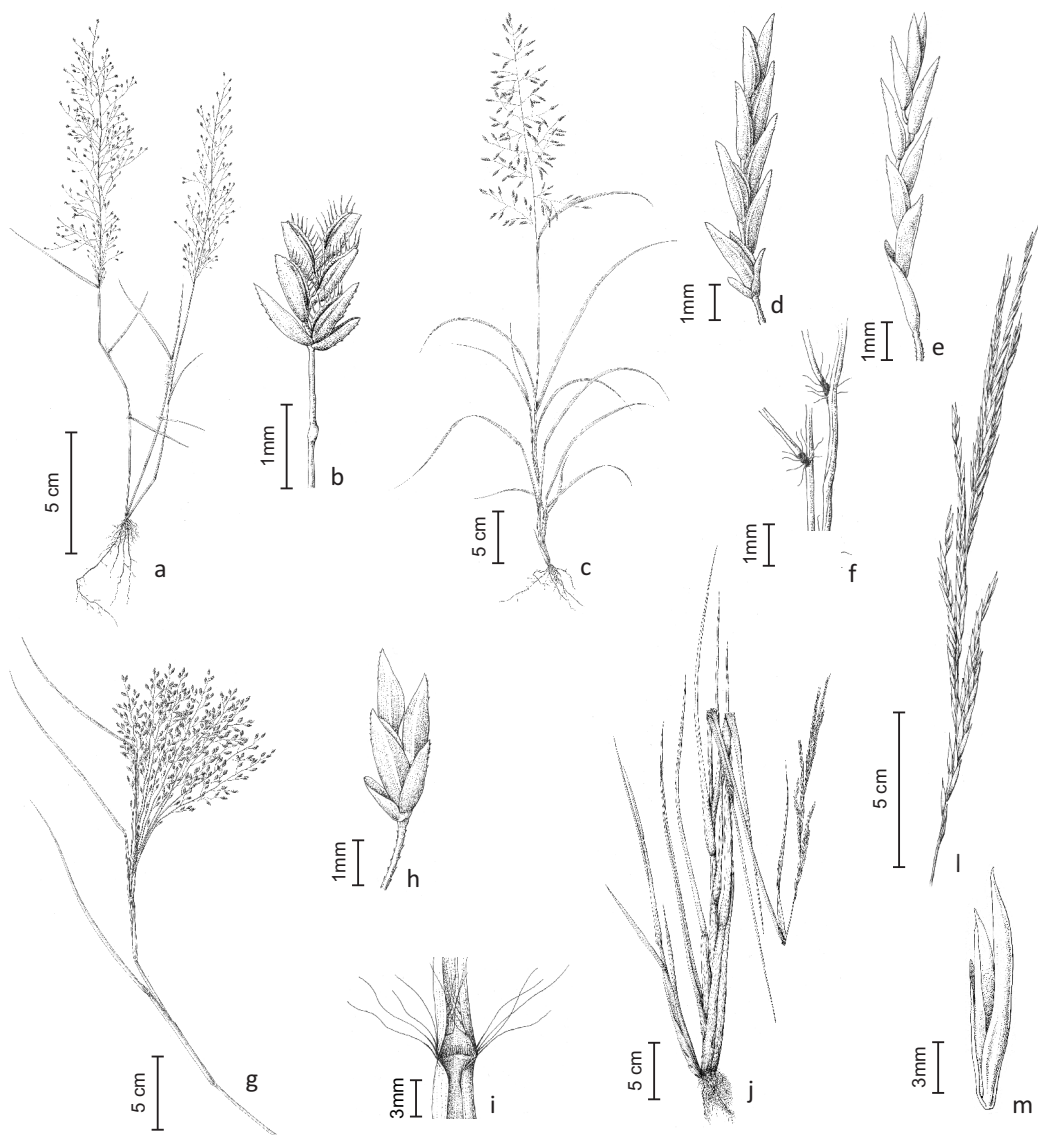


Figura. 4 *Eragrostis tenella* (J. P. R. Ferreira 147) - a. hábito - b. espiguetas. *Eragrostis tenuifolia* (J. P. R. Ferreira 113) - c. hábito - d. espiguetas jovens - e. espiguetas maduras com lemas desarticulando da base para o ápice - f. detalhe da axila pilosa dos pedicelos. *Eragrostis trichocolea* (F. A. Silva Filho et al. 230) - g. porção superior do colmo florífero - h. espiguetas - i. região ligular. *Spartina alterniflora* (J. P. R. Ferreira 174) - j. hábito - l. inflorescência - m. espiguetas.



Figura. 5 *Spartina ciliata* (J. P. R. Ferreira 69) – **a.** parte superior do colmo florífero – **b.** colmo da planta – **c.** inflorescência – **d.** espiguetas. *S. densiflora* (J. P. R. Ferreira & A. Zanin 175) – **e.** hábito – **f.** espiguetas. *Sporobolus indicus* (J. P. R. Ferreira 87) – **g.** hábito – **h.** espiguetas maduras. *S. virginicus* (J. P. R. Ferreira 152) – **i.** parte superior do colmo florífero – **j.** colmo da planta – **l.** espiguetas.



a



b



c



d



e

Figura. 6 – *Eragrostis airoides* – **a.** hábito - **b.** colmo florífero. *E. bahiensis* – **c.** inflorescência. *E. cataclasta* – **d.** hábito - **e.** parte superior da inflorescência.



Figura. 7 – *E. ciliaris* – **a.** população - **b.** parte superior da inflorescência. *E. lugens* – **c.** hábito - **d.** ápice dos ramos floríferos com espiguetas.

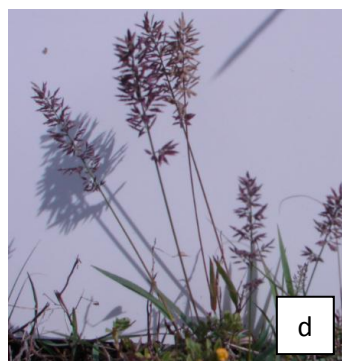


Figura. 8 – *Eragrostis macrothyrsa* – **a.** inflorescência - **b.** hábito. *E. minor*– **c.** hábito. *E. neesii* var. *lindmanii* – **d.** hábito.



a



b



c



d



e



f

Figura. 9 – *E. paniciformis* – **a.** base do colmo - **b.** inflorescência; espiguetas. *E. pilosa* – **c.** hábito - **d.** ápice dos ramos com espiguetas. *E. plana* – **e.** hábito - **f.** inflorescência

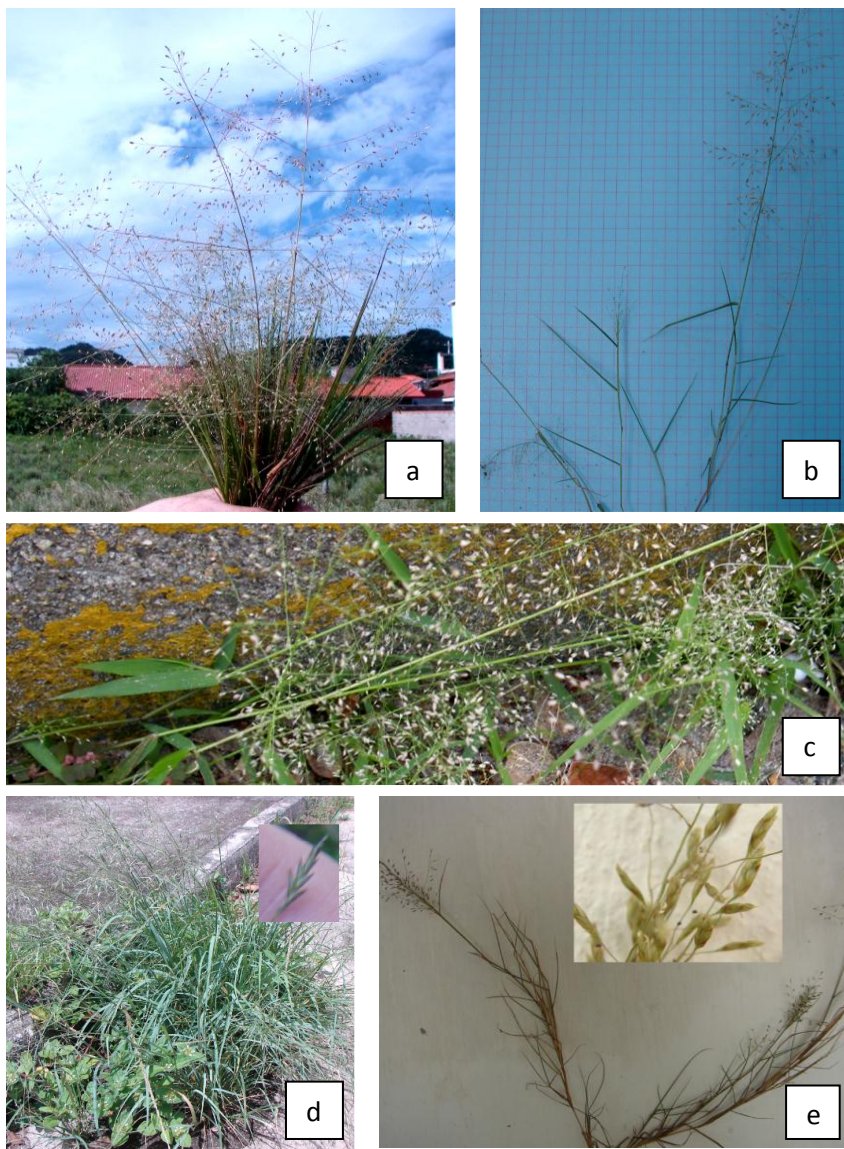


Figura. 10 – *E. polytricha* – **a.** hábito. *E. tenella* - **b.** hábito – **c.** colmos floríferos. *E. tenuifolia* – **d.** hábito; espigueta. *E. trichocolea* - **e.** colmos floríferos; espiguetas.

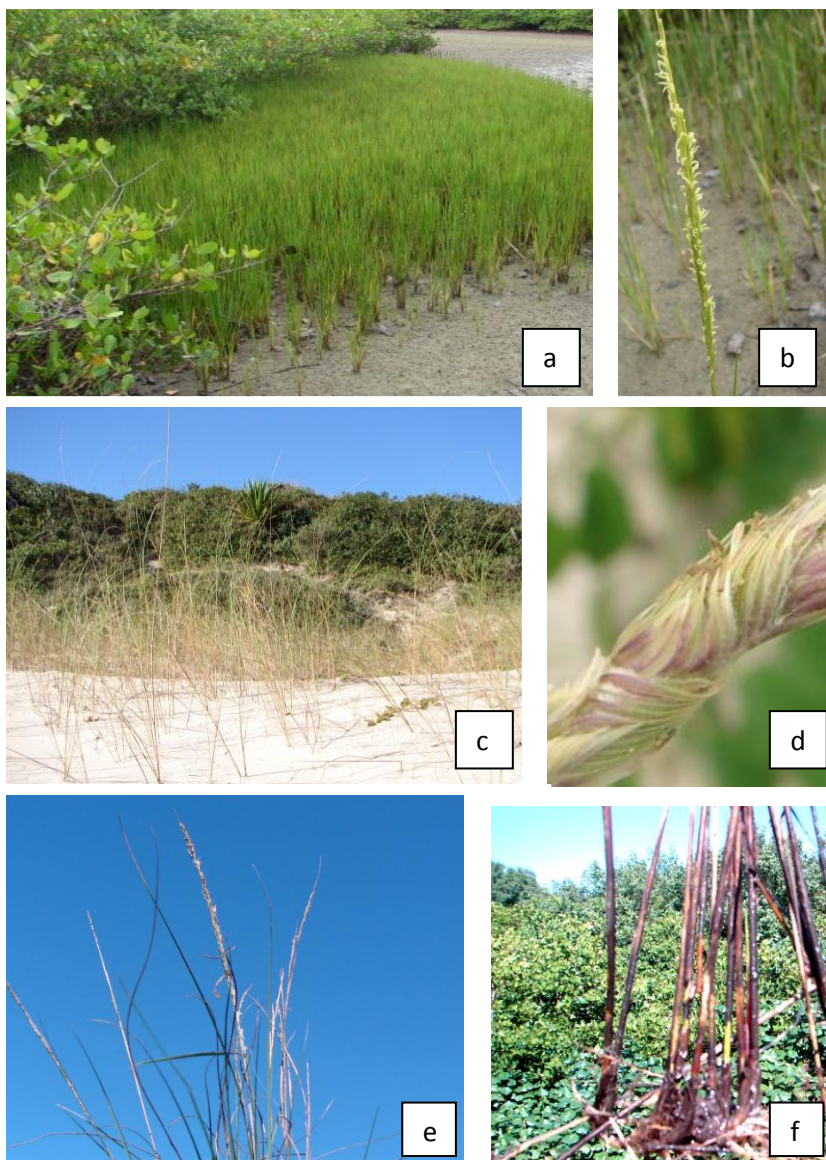


Figura. 11 – *Spartina alterniflora* – **a.** população - **b.** inflorescência. *S. ciliata* – **c.** população - **d.** ramos com espiguetas. *S. densiflora* - **e.** inflorescência – **f.** base do colmo.



Figura. 12 – *Sporobolus indicus* – **a.** população; **b.** espiguetas. *S. virginicus* – **c.** hábito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APG III (Angiosperm Phylogeny Group). 2009. An update of the Angiosperm Phylogeny Group Classification for the orders and families of flowering plants APG III. *Botanical Journal of the Linnean Society* 161: 105-121.

Beentje, H. 2010. The Kew plant glossary – an illustrated dictionary of plant terms. Kew: Royal Botanical Gardens, 160p.

Boechat, S. C. & Longhi-Wagner H. M. 1995. O gênero *Sporobolus* no Brasil. *Acta Botanica Brasilica* 9(1):21-85.

Boechat, S. C. & Peterson, P. M. 1995. New reports of *Eragrostis* (Poaceae, Chloridoideae) from Brazil. *Sida* 16(4):769-771.

Boechat, S. C. & Longhi-Wagner, H. M. 2000. Padrões de distribuição geográfica dos táxons brasileiros de *Eragrostis* (Poaceae, Chloridoideae). *Revista Brasileira de Botânica* 23(2): 177-194.

Boechat, S. C. & Longhi-Wagner, H. M. 2001. O gênero *Eragrostis* (Poaceae) no Brasil. *Iheringia, Ser. Bot.* 55: 23-169.

Boechat, S. C. ; Guglieri, A.; Longhi-Wagner, H. M. 2001. Tribo Eragrostideae. *In*: Hilda Maria Longhi-Wagner; Volker Bittrich; Maria das Graças Lapa Wanderley; George Shepherd. (Org.). Poaceae- Flora

Fanerogâmica do Estado de São Paulo. São Paulo: Hucitec, v. 1, p. 61-84.

Boldrini, I. I., Longhi-Wagner, H. M. & Boechat, S. C. 2008. Morfologia e taxonomia de gramíneas sul-rio-grandenses. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 96p.

Brummitt, R. K.; Powell, C. E. 1992: Authors of plant names. Kew, Royal Botanic Gardens, 732p.

Burkart, A. 1969. Flora Ilustrada de Entre Rios (Argentina), INTA. Buenos Aires, vol. 2, 551p.

Burkart, A. 1975. Evolution of grasses and grasslands in South America Taxon 24(1): 53-66.

Burman, A. G. 1985. Nature and composition of the grass flora of Brazil. Willdenowia 10:211-255.

Clayton, W. D., Phillips, S. M., Renvoize, S. A. 1974. Gramineae (Part 2). Flora of Tropical East Africa. Crown Agents for Oversea Governments and Administrations, London.

Clayton, W. D. & Renvoize, S. 1986. Genera Graminum: grasses of the World. Kew Bulletin. Add. Ser. 13:1-389.

Clayton, W. D., Vorontsova, M. S., Harman, K. T. and Williamson, H. (2006 onwards). GrassBase - The Online World Grass

Flora.<http://www.kew.org/data/grasses-db.html>. [accessed 14 April 2012; 15:30 GMT]

Columbus, J. T., Cerros-Tlatilpa, R., Kinney, M. S., Siqueiros-Delgado, M. E., Bell, H. L., Griffith, M. P. & Refulio-Rodriguez, N. F. 2007. Phylogenetics of Chloridoideae (Gramineae): A Preliminary Study Based on Nuclear Ribosomal Internal Transcribed Spacer and Chloroplast *trnL*-F Sequences. *Aliso* 23:565–579.

Escobar, I., Ruiz, E., Finot, V. L., Negritto, M. A. & Baeza, C. M. 2011. Revisión taxonómica del género *Eragrostis* Wolf en Chile, basada em análisis estadísticos multivariados. *Gayana Bot.* 68(1):49-85.

Filgueiras, T. S. 2012. *Spartina* in Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/FB013604>).

Filgueiras, T. S., Longhi-Wagner, H. M., Viana, P. L., Zanin, A., Guglieri, A., Oliveira, R. C. de, Canto-Dorow, T. S., Shirasuna, R. T., Valls, J. F. M., Oliveira, R. P., Rodrigues, R. S., Santos-Gonçalves, A. P., Welker, C. A. D. 2012. Poaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/FB000193>).

Focht, T. 2008. Ecologia e dinâmica do capim-annoni-2 (*Eragrostis plana* Nees), uma invasora dos campos sulinos: prevenção da sua

expansão. Tese (doutorado em ecologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientadores: Renato Borges de Medeiros e Valério De Patta Pillar. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/13648> acesso em 15 jun. 2012.

Giacobbo, E. O., Boechat, S. C. 1988. O Gênero *Spartina* Schreber (gramineae, Chloridoideae) no Rio Grande do Sul. Iheringia 37:89-109.

Giraldo-Cañas, D. & Peterson, P. M. 2009. Revision of the genus *Sporobolus* (Poaceae: Chloridoideae: Sporobolinae) for northwest South America: Peru, Ecuador, Colombia and Venezuela. Caldasia 31(1):41-76.

GPWG (Grass Phylogeny Working Group). 2001. Phylogeny and subfamilial classification of the grasses (Poaceae). Annals Missouri Botanical Garden 88(3): 373-457.

Guglieri-Caporal, A., Caporal, F. J. M. & Valls, J. F. M. 2011. *Eragrostis tenuifolia* (A. Rich.) Hochst. ex Steud. (Poaceae) no Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, Brasil. Revista Brasileira de Biociências 9(3):418-420.

Hackel, E. 1910. Repertorium Specierum Novarum Regni Vegetabilis 8, p. 47.

Hickey, M. & King, C. 2000. The Cambridge illustrated glossary of botanical terms.

Cambridge University Press, Cambridge, 208 p.

Ibrahim, K. M. & Kabuye, C. H. S. 1987. An illustrated manual of Kenya grasses. Rome: FAO. p. 146-153.

Judd, W. S., Campbell, C. S., Kellog, E. A. & Stevens, P. F. 1999. Plants Systematics – A phylogenetic approach. Massachusetts, Sinauer Associates, 464p.

Jung, M. J., Veldkamp, J. F. & Kuoh, C. S. 2008. Notes on *Eragrostis* Wolf (Poaceae) for the Flora of Taiwan. Taiwania 53(1):96-102.

Kissmann, K. G. 1997. Plantas infestantes e nocivas. Plantas inferiores e monocotiledôneas. 2. ed. São Paulo: BASF, Tomo I, 825p.

Longhi-Wagner, H. M. 1999. O gênero *Aristida* (Poaceae) no Brasil. Boletim Instituto de Botânica 12:113-179.

Longhi-Wagner, H. M. 2001. Tribo Cynodonteae. In: Maria das Graças Iapa Wanderley; Geroge Shepherd; Ana Maria Giulietti. (Org.). Poaceae- Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo. São Paulo: Hucitec, v. 1, p. 49-61.

Longhi-Wagner, H. M. 2003. Diversidade florística dos campos sul-brasileiros: Poaceae. *In*: Jardim, M. A. G., Bastos, M. N. C. & Santos, J. U. M. (eds.). Desafios da botânica brasileira no novo milênio: inventário, sistematização e conservação da diversidade vegetal. 54º Congresso Nacional de Botânica. Belém: Universidade da Amazônia. 117-120.

Longhi-Wagner, H. M. 2012a. *Eragrostis* in Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/FB013197>).

Longhi-Wagner, H. M. 2012b. *Sporobolus* in Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/FB013608>).

Longhi-Wagner, H. M. 2012c. Poaceae: uma visão geral com referência ao Brasil. *Rodriguésia* 63(1):89-100.

McNeill, J., Barrie, F. R., Burdet, H. M., Demoulin, V., Hawksworth, D. L., Marhold, K., Nicolson, D. H., Prado, J., Silva, P. C., Skog, J. E., Wiersema, J. H., & Turland, N. J. (eds.) 2006. *International Code of Botanical Nomenclature (Vienna Code) adopted by the Seventeenth International Botanical Congress Vienna, Austria, July 2005*. A. R. G. Gantner Verlag, Ruggell, Liechtenstein. [Regnum Veg. 146].

Morrone, O., Zuloaga, F. O., Longhi-Wagner, H. M., Izaguirre, P., Beyhaut, R., Cialdella, A. M., Giussani, L., Denham, S. S., Guglieri, A., Boldrini, I., Zanin, A., Salariato, D. & De Gennaro, D. 2008. Poaceae. In: Zuloaga, F. O.; Morrone, O. & Belgrano, M. J. (eds.). Catálogo de las Plantas Vasculares del Cono Sur (Argentina, Sur de Brasil, Chile, Paraguay y Uruguay). Monographs in Systematic Botany from the Missouri Botanical Garden 107. vol. 1. p. 607-967.

Nicora, E. G.; Rúgolo de Agrasar, Z. E. 1987. Los géneros de gramíneas de América Austral. Buenos Aires: Hemisferio Sur, 611p.

Nozawa, S. & Grande, J. R. 2010. Primer reporte de *Eragrostis paniciformis* (A. Braun) Steud. (Poaceae: Chloridoideae) para Venezuela. *Ernstia* 20(1):81-88

Peterson, P. M., R. J. Soreng, G. Davidse, T. S. Filgueiras, F. O. Zuloaga, & Judziewicz, E. J. 2001. Catalogue of New World Grasses (Poaceae): II. Subfamily Chloridoideae. Contributions from the U.S. National Herbarium 41:1-255.

Peterson, P. M. & Vega, I. S. 2007. *Eragrostis* (Poaceae: Chloridoideae: Eragrostidae: Eragrostidinae) of Peru. *Annals of the Missouri Botanical Garden* 94:745-790.

Peterson, P. M., Romaschenko, K. & Johnson, G. 2010. A classification of the Chloridoideae (Poaceae) based on multi-gene phylogenetic trees. *Molecular Phylogenetics and Evolution* 55:580–598.

Radford, A. E., Dickison, W. C., Massey, J. R. & Bell, C. R. 1974. Vascular plant systematics. New York: Harper & Row, 891p.

Renvoize, S. A. 1984. The Grass of Bahia. Royal Botanical Garden, Kew, 301p.

Renvoize, S. A. 1998. Gramineas de Bolívia. The Royal Botanic Gardens, Kew, 644p.

Rosengurtt, B., Arrillaga de Maffei, B. R. & Izaguirre de Artucio, P. 1970. Gramineas Uruguayas. Montevideo, Departamento de Publicaciones de La Universidad de La República, 489p.

Sánchez-Ken J. G. & Clark L. G. 2007. Phylogenetic relationships within the clade Centothecoideae+Panicoideae (Poaceae), based on *ndhF* and *rpl16* intron sequences and morphological data. In Columbus J. T., Friar E. A., Hamilton C. W., Porter J. M., Prince L. M., Simpson M. G. [eds.], Monocots: Comparative biology and evolution, 2 vols., 487–502. Rancho Santa Ana Botanic Garden, Claremont, California, USA.

Sánchez-Ken, J. G., Clark, L. G., Kellogg, E. A. & Kay, E. E. 2007. Reinstatement and emendation of subfamily Micrairoideae (Poaceae). Systematic Botany 32:71-80.

Santos, M., Almeida, S. L. 2000. Anatomia foliar de *Spartina* Schreber (Poaceae) da Ilha de Santa Catarina (Florianópolis, SC). *Insula* 29:1-24.

Silva, M. & Filho, N. O. H. 2011. Roteiro Geológico-Ambiental ao longo da planície costeira da Ilha de Santa Catarina, SC, Brasil. *Revista Discente Expressões Geográficas* 7:210–231.

Smith, L. B.; Wasshausen, D. C.; Klein, R. M. 1981. Gramíneas. Gêneros: 1. Bambusa até 44. Chloris. *In*: R. Reitz (ed.). *Flora Ilustrada Catarinense*. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 435p.

Smith, L. B., Wasshausen, D. C. & Klein, R. M. 1981-1982. Gramíneas. *In*: Reitz, R. (ed.). *Flora Ilustrada Catarinense (Gram.)*. 3vols., Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1407p.

Watson, L. & Dallwitz, M. J. 1992. *The grasses of the world*. Wallingford. Cambridge University Press, 1081p.